

“

A linguagem de Bion

Um dicionário enciclopédico
de conceitos



P. C. Sandler

”

Blucher

PAULO CESAR SANDLER

A linguagem de Bion

UM DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DE CONCEITOS

A linguagem de Bion: um dicionário enciclopédico de conceitos

© 2021 Paulo Cesar Sandler

Editora Edgard Blücher Ltda.

© 2005, *The Language of Bion a Dictionary of Concepts*. Karnac Books, Londres; atualmente, Routledge (Taylor & Francis)

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Tradução Daniela Sandler e Giovana Del Grande

Produção editorial Isabel Silva

Diagramação Tais do Lago

Preparação de texto Maurício Katayama e Milena Varalo

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa Flávio de Carvalho (*copyright*, The Estate of W.R.Bion; reprodução para este livro autorizada por Francesca Bion)

Retrato do autor Elisabetta Castello, Genova (cortesia Elisabetta Castello Art Studio)

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blucher Ltda.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Sandler, Paulo C.

A linguagem de Bion : um dicionário enciclopédico de conceitos / Paulo C. Sandler ; tradução de Daniela Sandler, Giovana Del Grande. -- São Paulo : Blucher, 2021. 1304 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-235-9

Título original: *The Language of Bion a Dictionary of Concepts*

1. Psicanálise - Dicionários 2. Bion, Wilfred R. (Wilfred Ruprecht), 1897-1979 3. Psicanálise - Língua e linguagem 4. Psicanálise - Conceitos I. Título II. Sandler, Daniela III. Del Grande, Giovana 21-1207 CDD 150.19503

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

CONTEÚDO

AGRADECIMENTOS	5
PREFÁCIO.....	7
INTRODUÇÃO.....	17
O TEMPORA, O MORES	17
APREENSÃO DA REALIDADE E COMUNICAÇÃO.....	20
PRINCÍPIOS GERAIS DO CONTEÚDO DESTES DICIONÁRIO.....	23
OBSCURO E DIFÍCIL?.....	24
PRINCÍPIOS GERAIS DESTES DICIONÁRIO.....	31
O ÂMBITO NUMÉRICO E O ETOS DA PSICANÁLISE	32
POUCAS TEORIAS	38
ABREVIATURAS	40
CONVENÇÕES	40
VERSÕES BRASILEIRAS PUBLICADAS INICIALMENTE PELA IMAGO EDITORA	41
VERSÕES BRASILEIRAS PUBLICADAS PELA EDITORA BLUCHER	41
Pós-escrito para a edição brasileira.....	43
UMA HISTÓRIA	44
MODO DE USAR.....	46
A.....	53
ALFA (A).....	53
ALUCINAÇÃO	53
ALUCINOSE.....	61
ANÁLISE APROPRIADA/ INTERPRETAÇÃO APROPRIADA	64
ANÁLISE BEM-SUCEDIDA	64
ANALOGIA	65
ANIMADO E INANIMADO	67
ANIMAL QUE FAZ FERRAMENTAS (TOOL-MAKING ANIMAL).....	71
APARATO (OU APARELHO) SENSORIAL	76
ARGUMENTO CIRCULAR.....	79
ARROGÂNCIA.....	82
B.....	83
BARREIRA DE CONTATO.....	83
“BIONIANO”	86
C.....	90
CATÁSTROFE, MUDANÇA CATASTRÓFICA.....	90
CAUSA-EFEITO; CAUSALIDADE	107

Prefácio

CAUSAS E A SETA DO TEMPO.....	115
CAUSAS E MORALIDADE	119
CESURA.....	121
“CIÊNCIA VERSUS RELIGIÃO”	128
CÍRCULO, PONTO E LINHA	178
CLIVAGEM FORÇADA	195
COMENSAL	197
COMPAIXÃO	198
COMPREENSÃO	202
COMUNICAÇÃO	202
CONCEITO	203
CONCEPÇÃO	204
CONFRONTO	209
CONJUNÇÃO CONSTANTE.....	210
CONTIDO: COMUNICAÇÕES DO PACIENTE.....	211
CONTINENTE/CONTIDO.....	212
CONTRATRANSFERÊNCIA	228
CONTROVÉRSIA	234
CORRELAÇÃO, RELAÇÃO, RELACIONAMENTO	243
CRENÇA.....	246
CULPA	246
CURA.....	246
CURIOSIDADE.....	251
D.....	252
D	252
DESASTRE	252
DESCONHECIDO, INCOGNOSCÍVEL.....	257
DESEJO	261
DESENVOLVIMENTO (DEVELOPMENT).....	261
DESENVOLVIMENTO (GROWTH).....	265
DISCIPLINA SOBRE MEMÓRIA, DESEJO E ENTENDIMENTO	275
DISPOSIÇÕES, DISPOSIÇÃO	276
DISTÂNCIA	278
DIVINDADE	278
DOR.....	278
E.....	285
ÉDIPO.....	285
ELEMENTOS-ALFA	311
ELEMENTOS-BETA	313
ELEMENTOS DE PSICANÁLISE	316

EQUAÇÃO PESSOAL.....	322
ESPAÇO MENTAL.....	323
ESQUIZOFRENIA, UMA TEORIA DA.....	325
ESTAR-UNO-A-SI-MESMO (AT-ONE-MENT).....	335
ESTUPIDEZ.....	350
EVIDÊNCIA DIRETA.....	350
EXPERIÊNCIA EMOCIONAL.....	350
F.....	361
FAMA.....	361
FATO SELECIONADO.....	361
FATORES E FUNÇÕES.....	365
FATOS.....	367
FÉ, ATO DE FÉ (FAITH, ACT OF FAITH).....	376
FENÔMENOS.....	379
FILOSOFIA.....	379
FRUSTRAÇÃO, TOLERÂNCIA À.....	388
FUNÇÃO-ALFA.....	390
FUNÇÃO-VERDADE.....	399
G.....	400
GAGUEIRA.....	400
"GRADE" (GRID).....	403
GRUPO.....	410
H.....	411
H.....	411
HIPÉRBOLE.....	411
HORDA.....	418
I.....	419
IDEIA.....	419
IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA.....	421
IMAGINAÇÃO.....	425
INEFÁVEL.....	435
INFRA-SENSORIAL.....	436
INSTITUIÇÃO (ESTABLISHMENT).....	436
INTERPRETAÇÃO.....	443
INTERPRETAÇÃO, CONTEÚDO.....	454
INTUIÇÃO.....	456
INVARIÂNCIA.....	474
INVEJA.....	476

Prefácio

J	478
JARGÃO	478
JULGAMENTOS	484
JUNG	489
K	491
K	491
“KLEINIANO”	500
L	508
L	508
LINGUAGEM DE CONSECUÇÃO (LANGUAGE OF ACHIEVEMENT)	508
LINGUAGEM DE SUBSTITUIÇÃO	517
LINHA	517
LITERATURA (E ESTILO LITERÁRIO DE BION)	518
LÓGICA	527
M	529
MANIPULAÇÃO DE SÍMBOLOS	529
MATEMATIZAÇÃO DA PSICANÁLISE	539
MEDICINA	595
MEDO	599
MEMÓRIA	602
MEMÓRIA-SONHO	602
MENOS (OU NEGATIVO)	603
MENOS H (-H)	632
MENOS K (-K)	632
MENOS L (-L)	637
MENTE	638
MENTIRA	650
METATEORIA	670
MÉTODO CIENTÍFICO	671
MÍSTICO	743
MITO, MITO PRIVADO	745
MODELOS	753
MULTIPLICIDADE DE TEORIAS	758
N	762
NÃO-COISA	762
NÃO-SEIO	762
NÃO-SENSORIAL	763
NARCISISMO E SOCIAL-ISMO	764
NEGATIVO	770

O.....	771
“O”	771
OBJETIVOS DE UMA PSICANÁLISE	780
OBJETO PSICANALÍTICO	780
OBJETOS BIZARROS	787
ÓDIO	793
OPINIÃO (DO ANALISTA)	794
P	807
PARAMNÉSIAS.....	807
PARAMNÉSIAS “PSICANALÍTICAS”	808
PARASÍTICO	808
PAREAMENTO (CASAMENTO) DE PRÉ-CONCEPÇÕES COM REALIZAÇÕES [MATING (OR MATCHING) OF PRE-CONCEPTIONS TO REALIZATIONS]	809
PARTE NEURÓTICA DA PERSONALIDADE.....	811
PARTE PSICÓTICA DA PERSONALIDADE	811
PÊNIS.....	811
PENSAMENTOS SEM PENSADOR	812
PENSAMENTOS VERBAIS	824
PENSAMENTOS VERBALIZADOS.....	824
PENSAR, UMA TEORIA DO; OU UMA TEORIA DO PENSAMENTO.....	828
PENUMBRA DE ASSOCIAÇÕES	830
PERSONALIDADE NÃO-PSICÓTICA.....	835
PERSONALIDADE PERTURBADA	835
PERSONALIDADE PSICÓTICA E NÃO-PSICÓTICA (OU PARTE PSICÓTICA DA PERSONALIDADE E PARTE NEURÓTICA DA PERSONALIDADE)	841
PERSPECTIVA REVERSÍVEL	849
PONTO	852
POSIÇÃO DEPRESSIVA.....	853
PRÉ-CONCEPÇÃO, PRECONCEPÇÃO, PREMONIÇÃO.....	855
PRÉ-CONCEPÇÃO DO ELEMENTO-ALFA EDIPIANO (ALPHA-ELEMENT OEDIPAL PRE-CONCEPTION).....	866
PRÉ-CONCEPÇÃO EDIPIANA DO ELEMENTO-ALFA.....	867
PREMONIÇÃO.....	868
PRESSUPOSTOS BÁSICOS	868
PRINCÍPIO DE REALIDADE.....	872
PRINCÍPIO DE INCERTEZA.....	872
PRINCÍPIO DO PRAZER/DOR.....	879
PRINCÍPIOS DO FUNCIONAMENTO PSÍQUICO (OU PRINCÍPIOS DO FUNCIONAMENTO MENTAL).....	879
PROTO-RESISTÊNCIA.....	882

Prefácio

PSICANÁLISE CLÁSSICA.....	883
PSICANÁLISE INTUITIVA, INTUIÇÃO PSICANALÍTICA TREINADA	884
PSICANÁLISE REAL/ ANÁLISE REAL/ ANÁLISE APROPRIADA/ INTERPRETAÇÃO APROPRIADA	884
PSICOLOGIA BI-PESSOAL	935
PS \leftrightarrow D	936
R.....	937
RAZÃO.....	937
REALIDADE SENSORIAL E PSÍQUICA	942
RELAÇÃO	949
RESISTÊNCIA.....	952
RÊVERIE.....	954
REVERSÃO DA FUNÇÃO-ALFA	959
S.....	961
SATISFAÇÃO	961
SATURAÇÃO	963
SAÚDE MENTAL	973
SEIO, BOM E RUIM.....	977
SENSAÇÕES, SENTIMENTOS, AFETOS, EMOÇÕES	984
SENSO COMUM.....	997
SENSO DA VERDADE (OU SENTIDO DE VERDADE)	1003
SENSORIAL.....	1005
SENTIMENTOS	1009
SETA DUPLA: SINAIS E SÍMBOLOS QUASE MATEMÁTICOS	1009
SEXO	1018
SIMBIÓTICO	1025
SISTEMA DEDUTIVO CIENTÍFICO	1025
SOCIAL-ISMO.....	1027
SONHAR O MATERIAL PROVENIENTE DO PACIENTE	1027
SONHO	1038
T.....	1044
T	1044
T α	1044
T β	1044
TELA BETA	1045
TEORIA CLÁSSICA	1047
TEORIA DE OBSERVAÇÃO PSICANALÍTICA.....	1049
TEORIAS.....	1055
TEORIZAÇÃO AD HOC	1057
TERROR, TERROR SEM NOME.....	1057

TERROR SEM NOME	1057
TORNAR-SE.....	1059
TRABALHO ONÍRICO ALFA (A)	1062
TRANSFERÊNCIA.....	1101
TRANSFORMAÇÃO; TRANSFORMAÇÕES E INVARIÂNCIAS.....	1103
TRANSFORMAÇÕES, MODOS DE.....	1124
TRANSFORMAÇÕES: SINAIS	1125
TRANSFORMAÇÕES EM ALUCINOSE	1127
TRANSFORMAÇÕES EM K.....	1144
TRANSFORMAÇÕES EM -K.....	1144
TRANSFORMAÇÕES EM MOVIMENTO RÍGIDO.....	1145
TRANSFORMAÇÕES EM O	1145
TRANSFORMAÇÕES EM PSICANÁLISE.....	1145
TRANSFORMAÇÕES PROJETIVAS	1152
TROPISMOS.....	1153
TURBULÊNCIA EMOCIONAL OU TURBULÊNCIA PSICOLÓGICA	1156
TURBULÊNCIA PSICOLÓGICA.....	1163
U.....	1164
ULTRA-SENSORIAL, INFRA-SENSORIAL, ULTRA-HUMANO, INFRA-HUMANO, ULTRA-LÓGICO, INFRA-LÓGICO, INFRA-CONCEITUAL, INFRA-INTELECTUAL, INFRA-VISUAL:	1164
UNIVERSIDADE	1203
V.....	1207
VERDADE	1207
VERDADE ABSOLUTA	1218
VÉRTICE.....	1221
VÍNCULO	1227
VÍNCULO H.....	1235
VÍNCULO L	1235
VIOLÊNCIA DE EMOÇÕES	1235
VISÃO ANALÍTICA	1237
VISÃO BINOCULAR	1277
VISÃO PÚBLICA, OU OPINIÃO PÚBLICA (PUBLIC VIEW)	1282
Y	1288
Y	1288
Referências	1289

INTRODUÇÃO

“Há escassez de tempo; de conhecimento; de competência. Portanto, o ato de escolher torna-se algo de fundamental importância – escolha de tempo, teorias e fatos observados.” (Bion, *Cogitations*, Agosto de 1975).

“P.A.: Há um perigo na crença de que psicanálise seja uma nova abordagem a um recém descoberto perigo. Se os psicanalistas tivessem visão abrangente da história do espírito humano, poderiam avaliar a real extensão desta história de assassinato, fracasso, inveja, engano (Bion, *A Memoir de Future*, 1979, p. 571).

O TEMPORA, O MORES

“...termos técnicos desgastam-se, tornando-se um tipo de moedas que perderam seu valor facial. Precisaríamos manter estes termos técnicos em boas condições de uso.” [*Bion’s Brazilian Lectures II*, p. 87]

ALICE: Daquilo que tenho ouvido, tanto complacência como ignorância dos psicanalistas faz com que lhes seja difícil dar qualquer passo adequado para aperfeiçoar a si mesmos ou à psicanálise. [*A Memoir of the Future*, vol. III, p. 571]

O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais profunda, nos é tão desconhecido quanto o é a realidade do mundo externo; **sua apresentação pelos dados da consciência é tão incompleta como os dados do mundo externo nos são incompletamente apresentados através de sua comunicação pelos nossos órgãos sensoriais** (Freud, 1900, p. 613; grifos de Freud.)

O que se segue é a versão em português de um livro escrito, originalmente, em inglês. Este livro constitui-se como resultado de uma conjunção de muitos fatores, dentre os quais, constantes solicitações de vários colegas. De modo especial, aquelas feitas pelo Doutor Carlos Alberto Gioielli, a quem manifestamos profunda gratidão. O Dr Gioielli, psiquiatra respeitado, não está mais entre nós. Iniciou seus estudos na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e iniciou-se na psiquiatria, por coincidência, sob a orientação de meu pai. Frequentou, entre 1992 e 1999 o que denominei de “conversas”, havidas com vários colegas na Sociedade Brasileira de Psicanálise, a respeito da apreensão da realidade psíquica, colaborando para que

outra obra viesse à luz: uma investigação transdisciplinar sob o vértice psicanalítico, a respeito de origens e raízes da psicanálise, e sua descoberta por Freud.

Tenho necessidade de mencionar também os candidatos à formação psicanalítica, hoje membros da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, além dos alunos do curso de pós-graduação *senso lato* sobre psicoterapia psicanalítica da Universidade de São Paulo, quando este curso era dirigido pelo Prof. Ryad Simon. E também os 600 compradores da edição inglesa que residem no Brasil.

Outro fator coadjuvante para a escrita deste dicionário pode ser iluminado com a seguinte elaboração dialógica imaginária, mas nada fantasiosa, feita por Bion. Esta elaboração, que tomou o nome de *A Memoir of the Future*, é formada por representações verbais de objetos parciais de Wilfred R. Bion, extraídos de sua experiência psicanalítica, indivisível de suas experiências de vida, que perdurou por mais de oitenta anos. Este texto teve sua primeira versão para uma língua estrangeira publicada no Brasil; foi objeto de outras obras do autor deste dicionário. No texto a seguir, o leitor poderá “conhecer” uma representação verbal de um ministro religioso versado em história e ciência, e um psicanalista, tomados genericamente:

SACERDOTE:Será que sua experiência sustenta a ideia que alguém dedique a este assunto algum pensamento sério? Daquilo que vejo nos psicanalistas, eles não sabem o que é a religião; simplesmente transferem sua lealdade de um sistema de emoções indisciplinado, eivado de desejo, para outro sistema. Ouvi psicanalistas discutindo; sua própria discussão trai todas as características que tenho reconhecido como patognomônicas de uma espécie de religião primitiva, indisciplinada, intelectualmente desestruturada. Discutem acaloradamente, aduzindo motivações nacionais, racionais, estéticas e outras, coloridas emocionalmente para sustentar sua marca particular de atividade.

P.A.: Não nego que façamos tudo isto, mas na realidade continuamos a nos questionar, e a questionar nossas motivações, de um modo disciplinado. Podemos não ter sucesso, mas também não desistimos da tentativa.

SACERDOTE: Odeio parecer estar julgando, mas tenho que fazê-lo, para avaliar tal evidência como a recebo, já que ela toca a minha vida privada e minha responsabilidade pelos meus próprios pensamentos e ações. Vocês tem tantas seitas de psicanalistas quanto as que existem em qualquer religião que eu conheça, e igual número de “santos” psicanalíticos, cada qual com sua respectiva procissão de devotos. Estou convencido da força da posição científica na prática psicanalítica. (*A Memoir of The Future*, p. 544-4)

A expressão “procissão de devotos” pode refletir – e talvez, na maior parte dos casos, reflita mesmo – tendências idealistas. Desde os anos 80 o fenômeno, “procis-

são de devotos” tem se popularizado, como modismo, sob o nome, “leituras”. Seus adeptos, em verdadeiro “trio elétrico” do textualismo idealista, fazem parte de um tipo de banda barulhenta, auto-denominada pós-moderna. Em sua base, parece-me haver um estado mental pleno de religiosismo, esclarecido por Freud em muitas obras, como o comentário psicanalítico sobre o livro memórias do Juiz Paul Daniel Schreber, *O Futuro de uma Ilusão, Psicologia das Massas e Análise do Ego e Moises e o Monoteísmo*, depois desenvolvidos por Bion em *Experiencia em Grupos e Cogitações*: nós, seres humanos em estados de alucinação e também delirantes, fantasiemos poder projetar nossa própria onipotência e onisciência em alguma entidade divinizada. É duvidoso que tal atitude seja aceita por teólogos – uma questão levantada desde o princípio dos tempos, pela chamada tradição mística, sempre cassada ou caçada pelo establishment religioso. Há uma diferença, observada por Bion pelo menos desde 1965, entre uma atitude de temor reverencial (termo cunhado por Bion em 1967: *Cogitations*, p. 285) e projeção de onipotência. A mesma questão aparece de uma maneira particular em organizações que se apresentam como não-religiosas: a pessoa lê a obra de um autor, mas substitui o que o autor quis dizer por suas próprias ideias.

O aspecto religioso é marcado por cegueira fanática do leitor, fiel às suas próprias idiossincrasias; ele as considera como refletindo descobertas do autor que se leu, mas não apreendeu. Uma complicação adicional ocorre quando tal fidelidade ocorre com textos de autores que também compartilham a mesma tendência – auto-intitulados “discípulos”, exercendo autêntico apostolado daquilo que desconhecem, mas imitam. A tendência é tão antiga quanto a filosofia. Recebeu vários nomes ao longo do tempo: subjetivismo, idealismo e, nos tempos de Freud, solipsismo - que se referiu a ela em seu artigo “A Questão de uma Weltanschauung”¹ (*SE*, XXIII).

Estes leitores não tentam avaliar se um determinado conceito ou um determinado evento formulado e descrito num texto, mantem – ou não - alguma contrapartida na realidade. Esta ocorrência determinou outro fator na decisão de escrever este dicionário: a observação de que prevalece a tendência idealista, até agora não-examinada, no movimento psicanalítico. Pode-se conceituar idealismo como antiga falácia onipotente, que dita que o universo e a própria realidade são produtos da mente humana. Ideia tentadora para muitas pessoas, marcadamente popular. Típica de crianças bem pequenas, e de psicóticos aprisionados em estados paranoides. Uma vez instalada, espalha-se mais facilmente do que água passando por uma parede podre, ou pelos dedos da mão tentando contê-la – por sedenta que esteja.

John Ruskin, poeta, literato, pintor e arquiteto, introdutor de um sistema de ensino na época vitoriana, que se mantem universalizado até hoje. Um, dentre os

¹ Termo alemão a rigor intraduzível, hoje globalizado, em algumas disciplinas, como teoria da ciência, cujas versões mais correntes tem sido “visão de mundo” ou “cosmologia”. Die Welt, mundo, ou universo; Anschauung: apresentação, e também intuição.

autores admirados por Bion, que citou *Sesame and Lilies* (Sésamo e Lírios) em *A Memoir of the Future*. Nesta obra, hoje clássica, Ruskin menciona exemplos do estrago causado quando leitores se recusam procurar o sentido original dos autores, tentando substituí-lo por suas próprias ideias. Paradigmáticos desta atitude, os auto-intitulados “pós-modernistas”, que perdem de vista o fato de que maneiras pessoais de formular uma leitura – um ato indispensável – são confundidas, de modo despercebido, com atos de distorcer aquilo os reais autores realmente escreveram; privilegia-se, no mais profundo “idealismo” (ou subjetivismo, ou solipsismo), a ideia personalista, e não a ideia do autor. Uma espécie de uso-capião da obra, onde todos são autores e ninguém é autor. Perde-se de vista que “invariantes em literatura”, na advertência de Bion em *Transformations*, página 3, dificilmente garantem o encontro dos sentidos originais dos autores. Fato demonstrado por Freud, que se deu conta de um numero excessivo de leitores que “entendiam” seus estudos sobre histeria como se fossem *roman à clef* ou até mesmo pornografia.

Como psicanalistas, temos oportunidade talvez única – e muitas vezes, desperdiçada – de diminuir nossas interferências idiossincráticas e propensões que muitas vezes nascem de preconceitos e nunca evoluem a partir disto – pois temos condições em adquirirmos noção mínima do que Freud definiu como “fator pessoal”, ou “equação pessoal” (“A Questão da Análise Leiga”, 1926). Inclui questão ética, pela necessidade de obtermos nossa análise pessoal como condição de formação. Análise pessoais permitem-nos examinar com maior cuidado certos usos daquilo que pode ser colocado em palavras como fantasia, imaginação, sonhos, devaneios, ilusões, alucinações, delírios, fantasias inconscientes (phantasia) e investigar melhor a existência, ou não, de suas eventuais contrapartidas na realidade, assim como suas funções em psicanálise.

APRENSÃO DA REALIDADE E COMUNICAÇÃO

Este dicionário é uma reorganização das contribuições de Bion, sob forma que nos pareceu, talvez, apropriada à nossa época, tão apressada, sedenta de informações mas tendente a aceitar acriticamente o que não passa de banalização, superficialismos e moda. Do antigo *Tractatus*, de um autor, para textos fragmentados por muitos autores, típicos de periódicos: a história editorial de nossos tempos? O Sr. Oliver Rathbone, concordou com nossa visão. E também o público leitor, se avaliado pela excelente acolhida da primeira edição inglesa, seguida de várias reimpressões nos dez anos seguintes. “Estou convencido da força da posição científica na prática psicanalítica.” (*Learning from Experience*, p. 77).

O leitor atento pode perceber que a posição expressa em 1962 não se modificou em 1975 (por favor, conferir na citação de *A Memoir of the Future*, acima), mesmo que no final tenha sido atribuída a um objeto parcial (uso o termo conforme Freud e Klein o utilizaram) do próprio Bion, que ele mesmo denominou, “Sacerdote”. Sacerdotal ou não, pois agora situa-se no âmbito da crença, por mais científica que seja a crença, e deste modo, idêntica à postura de Freud no artigo já citado, “Sobre a Questão de uma Weltanschauung”. Bion reafirma a posição científica da psicanálise; observamos não existir nenhuma possibilidade de comunicação científica sem um sistema preciso de notações: uma taxonomia o mais clara possível. Incluirá – por necessidade – três tipos fundamentais de definições: (i) de conceitos; (ii) de teorias; (iii) de modelos. Que sejam tão claras e mutuamente discriminadas quanto possível. Intolerância frente a definições foi assunto plenamente desenvolvido por Bion a partir de *Learning from Experience*:

Como exemplo de uma tentativa de fazer uma formulação precisa, considero a função-alfa e dois fatores: identificação projetiva excessiva e excesso de objetos maus. Suponhamos que no curso de uma análise esses dois fatores se sobressaíam, a ponto de excluírem outros fatores que o analista tenha observado. Se a teoria psicanalítica fosse organizada racionalmente, seria possível referir-se aos dois fatores por símbolos que façam parte de um sistema de referência aplicável de modo uniforme e universal. A referência à teoria kleiniana de identificação projetiva seria feita por meio de iniciais, páginace parágrafo. De modo semelhante, a visão de Freud sobre o conceito de atenção poderia ser substituída por uma referência. Mesmo hoje é possível fazer isso, ainda que de modo um tanto grosseiro, através da referência à página e linha de uma edição padronizada. Um enunciado desse tipo poderia se prestar a uma mera manipulação de símbolos, mais ou menos engenhosa, de acordo com regras aparentemente arbitrárias. Desde que o analista mantenha uma noção do pano de fundo factual a que esta formulação esteja se referindo, existem vantagens no exercício em termos de precisão e rigor de pensamento ao se tentar concentrar na experiência clínica realmente ocorrida, de tal modo que possa ser expressa naquela notação abstrata. (LE, 38-9)

Baseado em observações psicanalíticas feitas de 1950 até 1979 com pacientes exibindo perturbações nos processos de pensar, iluminou o maior fator envolvido na observação de que, entre os vários ódios exibidos pela personalidade psicótica (q.v.), encontra-se o ódio à necessidade de Definições, quando o alvo é se aproximar daquilo que é verdade; daquilo que é o que é, e não é nenhuma outra coisa ou não-coisa. Pois a personalidade psicótica, impossibilitada de transitar livremente para a posição depressiva e vice versa, no movimento descrito por Klein (1946, 1957), odeia definições, como odeia limites (em última análise, ao princípio do prazer/desprazer). Ao

mesmo tempo, paradoxalmente, exige precisão absoluta em qualquer interlocutor, ou em qualquer realidade com que se defronte, recusando-se a encontra-la; no sentido de que exige que qualquer interlocutor e toda realidade se adequem às suas ideias pessoais, mergulhada em onipotência e onisciência autoritárias. O movimento em tandem entre as Posições assumidas pelo aparato psíquico, simbolizado quase-matemáticamente por Bion por $PS \leftrightarrow D$ (q.v.) expressa-se por imobilização na posição esquizo-paranóide. No âmbito fenomênico, por onisciência, onipotência, fantasias de superioridade, rivalidade, posse da “verdade absoluta”, expressando fenômenos mentais inconscientes típicos desta posição. No âmbito científico, expressa-se por desprezo às demonstrações empíricas que poderiam basear enunciados e afirmações. Na falta de demonstrações científicas, favorece-se: (i) retórica; (ii) moda; (iii) jargão, visível nos alertas de Bion, em *A Memoir of the Future*. Bion observou a existência de desnecessária proliferação de teorias (q.v.). No âmbito social, expressa-se pelos fenômenos descritos por Bion em *Experiences in Groups, War Memoirs, Attention and Interpretation e Cogitations*. Destaco, nestas duas últimas obras, e também nos verbetes deste dicionário, a fábula a respeito da função social dos mentirosos (reproduzida totalmente neste dicionário), e aos queixumes de São Tiago e São João frente a Cristo, além de assinlações sobre falsa controvérsia no movimento psicanalítico.

Verdade é necessária tanto para a sobrevivência como para a vida; uma das máximas paradoxais cunhadas por Bion, novamente baseada em observação psicanalítica, é de que “verdade é alimento para a mente”; mas a “mente odeia a verdade”, em algum grau. Exames desta gradação são importantes, pois, em alguns casos, quantidade (grau) se transmuta em qualidade, como o leitor poderá ver caso se detenha em vários verbetes deste dicionário. No capítulo sete de *Transformations*, Bion se aprofunda no exame deste fator, o ódio à necessidade de Definições (científicas ou artísticas), ilustrando esta necessidade com modelos extraídos da filosofia da matemática, integrados a exemplos extraídos da clínica psicanalítica. Demonstra – a meu ver, de modo até hoje único na literatura, que inspiraram pelo menos um autor, Ignacio Matte-Blanco – que a necessidade de Definições traz à personalidade humana, intrinsecamente, o fator Frustração. Bion supõe, neste estudo, de que a matemática bem pode ser o modo mais primitivo de se lidar com psicose - ao se constituir um modo humano de se lidar com a “não-coisa”. Do ponto de vista psicanalítico, do modo mais elementar até hoje conhecido, igualmente identificado de modo explícito por Bion, isto se expressa na vida do bebê e se reflete na vida adulta, com modos de se lidar – ou de não se lidar - com o “não-seio” (ausência do seio). Tudo que está fora da Definição fica alijado, incitando ódio da personalidade psicótica. Uma das principais características da personalidade psicótica é avidez (uma das extensões clínico-teóricas de Klein sobre as contribuições de Freud). Um mínimo de precisão comunicacional só pode ser obtido às custas de fazer uso decidido de Definições. Um mínimo de ação científica e/ou artística só pode ser obtida às custas de um uso decidido de Disciplina (científica e/ou

artística). Indisciplina quanto à Disciplina Artística e Científica confunde liberdade com libertinagem. Tudo isto se baseia nos graus de subserviência ao Princípio do Desprazer/Desprazer e no grau de tolerância de frustração, ou seja, de tolerância à introdução do Princípio de Realidade no aparato mental, e da possibilidade de apreensão do que ocorre “após” o Princípio do Prazer/Desprazer, descritos por Freud em 1911 e 1920.

PRINCÍPIOS GERAIS DO CONTEÚDO DESTE DICIONÁRIO

Nossos princípios gerais da reorganização dos conceitos de Bion na forma de um dicionário são:

- i. Fidelidade ao texto original;
 - ii. Generalizações;
 - iii. Historicidade.
- (i) Fidelidade ao texto original: as definições incluídas neste dicionário foram compiladas dos escritos de Bion. A maior parte do trabalho envolveu reunir ideias espalhadas em diferentes obras de Bion, escritas em diferentes períodos. Um leitor hostil não estará enganado ao se sentir tentado a desmerecer esta tentativa como mera compilação que reorganiza a obra escrita de Bion. Um leitor não-hostil poderá se beneficiar desta tentativa – que inclui comentários sobre os excertos de Bion. Dez anos após a publicação desta obra na língua inglesa, sentimo-nos autorizados a expressar nosso alívio frente ao fato de que a proporção de leitores não-hostis, mundialmente, excedeu a proporção de leitores hostis, baseado no fato do dicionário ter ocupado a lista dos livros mais vendidos pela Karnac Books por muitos anos, e de ter sido adquirido por pelo menos 800 universidades na América do Norte e pelo menos 600 na Europa e Ásia, para suas bibliotecas circulantes; sem contar inúmeras citações que o tornaram obra de referência, sendo reeditado pelo menos seis vezes. O livro parece ter cumprido sua função primordial, de compartilhar informação.
- (ii) Generalizações: generalizações que incluem particularidades fazem parte do etos científico, pelo menos desde o advento de Francis Bacon. Podem ser expressas por meio de sistemas classificatórios originalmente criados por Carl Linneus, que deram sequência a formulações clássicas e atemporais: sua taxonomia Botânica, de 1735, que resultou no tratado botânico de Goethe (1790); e a tabela periódica de elementos químicos de Mendeleev (1869). Esses sistemas classificatórios são agrupamentos científicos que tentam detectar conexões de sentido subjacentes ou ressaltar aquelas explícitas. A classificação

cumprir função dupla: de comunicação e de ajudar o cientista a orientar sua pesquisa. Frequentemente, classificações iluminam o caminho de descobertas, como ocorreu com os exemplos citados de Linneus, que ajudou Goethe a descobrir o fenômeno de metamorfose e seleção natural de espécies botânicas, que por sua vez, permitiu Darwin descobrir seleção natural de espécies animais. Neste dicionário, o fio condutor permite que as várias citações integrem unidades coerentes, principalmente através de referências cruzadas. Cada uma destas unidades corresponde a um verbete.

- (iii) Historicidade: os verbetes são desenvolvidos historicamente conforme os conceitos aparecem na obra de Bion. Observamos que os conceitos de Bion foram desenvolvidos de maneira comparável aquela do artesanato de um joalheiro – onde exaustivo processo de polimento, com nível crescente de refinamento, resulta em luminescência transparente. Isso levou alguns críticos a crer que “Bion estava sempre falando a mesma coisa.” Bion menciona estes críticos na introdução a *Seven Servants*, uma re-edição de seus quatro livros básicos, *Learning from Experience*, *Elements of Psycho-Analysis*, *Transformations* e *Attention and Interpretation*), com característico bom humor, e utiliza a crítica como oportunidade para aprender: fizeram-no dar-se conta do quão pouco sabia, e do débito que ele sentia em relação a Freud, Rickman e Klein - os dois últimos, seus analistas.

Muitas vezes, as críticas ao trabalho de Bion tinham tom hostil. Na minha opinião, tais leitores e públicos talvez ignorem o fato de que houve aprofundamento contínuo de conceitos. “Mais do mesmo” é uma expressão que bem poderia ser também usada para falar de oxigênio, água e alimentos. Podemos refletir sobre o quanto esses conceitos são fundamentais, e como é útil que eles aparecem em formas mais desenvolvidas, purificadas; ou depuradas, como as descrevem nefrologistas e fisiologistas.

Os princípios descritos acima resultaram em verbetes que (espero) formam um “todo em desenvolvimento”.

OBSCURO E DIFÍCIL?

Freud abriu muitos e amplos rumos de pesquisa. Poucos analistas se aventuraram a desenvolver a pesquisa psicanalítica para além dos limites impostos pelo fim da vida de Freud. Bion enfrenta esta tarefa com relação a pelo menos quatro aspectos determinados por teorias de Freud:

- i. sonhos;
- ii. os dois princípios do funcionamento mental;
- iii. Édipo;
- iv. e a natureza das associações livres.

Pretendendo esclarecer algumas questões, intercalo escritos de Bion (em itálico, com o uso do ponto-e-vírgula, e com o número exato da página onde as palavras podem ser encontradas) com meu texto. Constituem uma tentativa de lidar com um fato percebido em minha experiência com colegas do mundo inteiro nos últimos 34 anos (ou 24, quando foi publicada a edição original, em inglês): muitos sentem que os textos de Bion são (ou seriam, se a afirmação pudesse ser tomada como hipótese) “obscuros e difíceis”.

Será que “Sordello” é incompreensível por seu propósito de ser difícil, ou é a tentativa de Browning de expressar o que tinha a dizer nos termos o mais breves e compreensíveis possível? (*A Memoir Of The Future*, 132)

Os comentários abaixo devem ser lidos como uma apreciação, e não julgamento de valor. Não tenho a intenção, nem a possibilidade de julgar dificuldades de leitura de ninguém, o que seria um ato de quem se arroga a ser superior, equivalente a desrespeito e à falta de humanidade. É preciso mencionar isto, pelo fato de que se constitui como outro fator que me motivou escrever este dicionário, a ideia que já se tornou lugar comum, de que os textos de Bion seriam obscuros e difíceis. Parece-me que alguns dos fatores relacionados à suposta (sentida) obscuridade dos textos de Bion se encaixam em uma das seguintes categorias:

- i. Falta de leitura atenta, algo que já acontecia com os textos de Freud; destacado por ele, por exemplo, nos textos introdutórios às edições mais tardias da *Interpretação dos Sonhos*.
- ii. Falta de experiência analítica, aqui definida como a análise pessoal do analista, e a experiência em atender pacientes.
- iii. Falta de experiência de vida; experiência que pode ajudar no desenvolvimento de uma preocupação com a vida e a verdade.

Uma combinação constante dos fatores (i), (ii), e (iii).

Estas dificuldades não são nenhuma novidade na história do movimento psicanalítico (uso o termo do mesmo modo que seu idealizador, Freud, no estudo, *Historia do Movimento Psicanalítico*, 1914). Talvez sejam mais comuns do que raras. Manifestam-se frequentemente por meio de sentimentos de aversão quando da leitura de textos psicanalíticos reais e que promovem desenvolvimento positivo, “con-

tributivos”. Este tipo de texto toca aspectos internos do leitor de maneiras inesperadas e desconhecidas. Às vezes, o leitor é impelido a procurar uma análise; às vezes, ele ou ela são levados a odiar a análise desde o início. Este fato foi bem documentado por Freud, cujos textos foram considerados pornográficos, semíticos, antisemitas, ateus, progressistas, reacionários, vitorianos, pansexuais, antifeministas, ou *romans-à-clef*. Como costuma acontecer em muitos campos de especialização, em particular aqueles que dependem de experiência, “invariantes em literatura” (*Transformations*, p. 3 e capítulo sétimo, onde ele discorre sobre a forma narrativa, moeda ainda existente em psicanálise) são necessárias, por serem as únicas até hoje possíveis, mas não suficientes, como tentativas de comunicação para permitir verdadeira apreensão dos fatos descritos e dos escritos. Em disciplinas muito mais antigas, como a música, de tempos em tempos surgem polêmicas entre a leitura textualista da partitura e tendências “interpretacionistas.” Por outro lado, formas literárias surgiram em campos insuspeitos, já dominados por comunicação com outras simbologias, que não palavras, como no tratado de mecânica quântica de Paul Dirac (1933). A questão é: ambas são necessárias. Um sistema de notação puramente matemático é muito difícil de realizar, dependeu de milênios na história da matemática, e talvez seja impossível fora do campo da matemática mesma. Não tem sido possível em varias disciplinas, por mais científica que seja, como etimologia e psicanálise.

Uma abordagem científica pode ajudar a evitar que o leitor considere minhas observações como autoritárias. Ciência se baseia em fatos, em experiência real.

Segue-se a descrição de alguns fatos que ilustram esta questão.

Em 2002, um sentimento prevalente de confusão surgiu entre vinte e cinco participantes de um seminário mantido em uma sociedade de pessoas interessadas em psicanálise. A maioria dos colegas no grupo vinha lendo as obras de Bion por mais de uma década; alguns, por mais de trinta anos. O seminário estava sendo conduzido por dois colegas com fama de serem autoridades sobre a obra de Bion. Este fato tem uma evidência empírica, pela existência de gravações magnetofônicas desta reunião, apresentada pelos organizadores como se fosse um seminário.

Entronização auto-atribuída como endossada por outras pessoas (hetero-atribuída), como toda entronização, bem descrita nos estudos sobre pequenos grupos por Bion, e também em grandes grupos por Le Bon, Freud, Toynbee, Canneti, e muitos outros, exacerbou o clima emocional do grupo, que já demonstrava sinais claros da prevalência de duas pressuposições básicas de um grupo (na classificação proposta por Bion em *Experiences in Groups*): líder messiânico e ataque-fuga, algo complicada por rivalidade quase inaudível e invisível entre as duas autoridades, no sentido de assumir liderança imposta por autoridade outorgada – algo difícil de discriminar de autoritarismo, e que muitas vezes degrada-se nele. A liderança dividiu-se: uma era implícita; outra, explícita. Todos os membros do grupo tinham como

tarefa a leitura do primeiro capítulo de *Transformations*, antes da reunião. Um expositor foi escolhido pelo líder aparente do grupo, agora organizado piramidalmente.

No primeiro encontro, o expositor escolhido atrasou-se. Após um longo silêncio, que logo se tornou constrangedor, embaraçoso, outro membro do grupo se ofereceu para fazer um resumo do capítulo – de certa forma, negando a estrutura do mesmo, que não podia aceitar manifestações naturais, pela presença dos dois pressupostos básicos acima mencionados. Alguns minutos depois de iniciada sua exposição, outros membros do grupo manifestaram discordância, pois o expositor voluntário, acreditando estar suprindo a falta momentânea do expositor previamente eleito, qualificou inequivocamente de que o conceito, Invariância, era inescapável, pois estava embutido na Teoria de Transformações. O expositor, posto em quarentena por incredulidade de alguns membros do grupo, em sua reação argumentativa: tal expositor estaria falando absurdos. Outros acusaram-no de estar falando “uma coisa vinda da cabeça” dele mesmo. Um deles afirmou não havia nada nesse sentido escrito no texto, recorrendo às palavras de uma outra “autoridade” local (que não estava presente, por ter falecido), que um dia haveria dito, “Tudo neste mundo são transformações!”: um tipo de Lavoisier banalizado. Frase que tornara-se bordão: no Brasil, e em outros locais no mundo, a introdução das contribuições de Bion tem se dado por grupos de pressuposto messiânico, com finalidades políticas. A discussão intensificou-se, dando margem a uma aparente discórdia, com tonalidades hostis. O expositor pediu que todos lessem a primeira página de *Transformations*. Os dois líderes do grupo – o explícito e o implícito - não apenas ecoaram a discordância da maioria, como manifestaram sua oposição de forma mais veemente do que o resto. Resultado: recusa inicial de ler o texto naquele momento.

O expositor, respondendo à crescente pressão e reagindo a um ambiente hostil de modo que não pode ser classificado como sereno, mas perplexo, observou que o primeiro parágrafo do capítulo primeiro de *Transformations* já descrevia o conceito de Invariância. A maioria dos participantes, com poucas exceções, acabou concordando em ler o texto, com murmúrios de protesto. Alguns de fato leram. O resultado foi mais uma confirmação inadvertida da fábula das “roupas novas do imperador”. Alguns disseram que Bion não sabia do que ele mesmo estava falando; outros disseram que a questão não tinha nenhuma importância. E continuaram com leitura preconceituosa, negando o que estava escrito.

Na experiência deste autor, acrescida de uma década desde a publicação do texto em inglês, permite-nos observar que: (i) este tipo de leitura de *Transformations* tem se mostrado crescentemente popular. Adapta o texto de Bion ao dito sabidamente problemático de Lavoisier; é uma abordagem que atrai leitores predispostos a visões simplistas subservientes ao “já conhecido”; (ii) o padrão básico desta experiência foi repetido muitas vezes em diferentes contextos por mais de trinta anos, embora muitas destas ocasiões não tenham contido o mesmo tom hostil narrado

acima. Alguns públicos mais compreensivos, como aquele composto por alunos de pós-graduação na universidade e por candidatos à formação psicanalítica no instituto local de psicanálise, onde lecionamos desde 1997, beneficiaram-se da observação de formas prevalentes de incompreensão e leitura equivocada: negações, cesuras (q.v.) e transformações do conteúdo escrito em seu oposto. A perplexidade foi útil a esses alunos.

Nossas asserções sobre termos e suas definições são sempre balizadas pelos escritos de Bion, dos quais as definições derivam. Os termos do dicionário tem o privilégio da visão retroativa (ou “retrovisora”); tenta-se seguir o desenvolvimento dos conceitos ao longo de toda a obra de Bion.

Bion alertou *Learning from Experience*:

Os métodos neste livro não são definitivos. Mesmo quando percebi sua inadequação, frequentemente não fui capaz de aprimorá-los. Encontrei-me em posição similar à do cientista que continua a empregar uma teoria que sabe ser falha, porque ainda não se descobriu outra melhor que a substituísse. (LE, item 9 da Introdução)

Portanto, posicionou suas explorações no âmbito científico. Fato repetido em vários de seus livros, fazendo parte do subtítulo de um deles, *Attention and Interpretation*. Em função disto, pareceu-nos pertinente e necessário algum esforço no sentido da standardização e precisão ao expressar conceitos de Bion. Não há alternativa de comunicação científica do que firme adesão a uma taxonomia clara e explícita. Quando Bion recomenda que um psicanalista conheça bem seu vocabulário, para poder comparar o uso que um paciente faz daquilo que pode ouvir do analista, mostra que comunicação científica não é algo exclusivo entre colegas (hoje chamados, “pares”) de atividade; psicanálise é ciência *in situ*, ocorrendo empiricamente em cada sessão de análise. Apela para funções científicas do paciente e do analista. Não pudemos encontrar outra maneira de escrever, que não a utilização dos próprios termos de Bion. Que, ao adicionar um índice para *Attention and Interpretation*, como já o fizera em seus três livros anteriores, afirma, “Este índice, como o resto deste livro, é o desfecho de uma tentativa de ser preciso; O fracasso desta tentativa ficará claro; no entanto, o seguinte dilema poderá não ficar claro: “precisão” é frequentemente uma distorção da realidade; “imprecisão” é frequentemente indistinguível de confusão.” (*Attention and Interpretation*, 131).

A inclusão extensa de textos de Bion neste dicionário, graças a uma, dentre muitas das especiais gentilezas afetuosas da Sra. Francesca Bion, é também uma tentativa de permitir ao leitor chegar às suas próprias conclusões. Espera-se que estes textos sirvam como convite: “Agora, por favor, experimente o original.” Todas as citações são seguidas do título e número da página nas obras de Bion. Este dicio-

nário foi concebido como um guia rápido, contanto que o leitor não confunda uma tentativa de rapidez com superficialidade. A intenção é poupar ao leitor os esforços de ter de mapear referências espalhadas na obra de Bion, e seus desenvolvimentos.

Parafraseando Bion, em sua introdução para *Learning from Experience*: este dicionário não foi concebido para ser lido de uma só vez. Cada parágrafo, cada termo (em muitos casos, com subdivisões), foi concebido para funcionar como um marco para consulta, e para ser consultado, na esperança de desfazer a ideia de que Bion teria sido um autor obscuro. Até mesmo cada termo individual não precisa ser lido de ponta a ponta, a não ser que o leitor o prefira fazer. Os termos e comentários foram concebidos para ser objeto de reflexão cuidadosa. Leitores canônicos ou idólatras poderão sentir que a forma de apresentação deste dicionário não se coaduna com modos de apresentação típicos de Bion. O autor pensa que não é útil lidar com a obra de Bion – e dos outros grandes autores em psicanálise – como se houvesse algum “São Bion” a ser seguido e imitado. Imitação constitui prole do medo pareado à rivalidade. Uma pequena criança indefesa não tem outro meio de sobreviver que não a imitação; mantida na idade adulta, produzirá consequências destrutivas; como alucinação, tem uma qualidade de “irrealidade”. Talvez o movimento psicanalítico já tenha tido quota suficiente de imitadores, repetidores, e mimetismo. É inegável que a qualidade das contribuições de Bion funcionou como sedução para este tipo de seguidor: fato lamentado por ele mesmo, e enfatizado por autores como Ignacio Matte-Blanco, James Grotstein e André Green. Este autor pensa que nenhum estudioso do trabalho de Bion que mantenha o vértice daquilo que é Verdade – ou do trabalho de qualquer outro grande autor – pode se autonear ministro ou apóstolo de suas escrituras.

Não compartilhamos – talvez por deficiência de ordem que nos é desconhecida – da experiência de obscuridade e dificuldade experimentada por colegas na leitura das contribuições Bion. Falta de descuido (em que pese a deselegância de estilo linguístico) pode ser considerada como deficiência; e o será, caso levemos em consideração as descrições de Bion reproduzidas no verbete, “Narcisismo e Social-ismo”. (q.v). Fonte de considerável de ansiedade, no início de nossos estudos sobre a obra de Bion, no início dos anos 1980: algo que pode ocorrer com alguns indivíduos que se encontram fora de sintonia com seu grupo circundante – fato enfatizado por Bion em *A Memoir of the Future*, Livro III, conforme pode-se constatar no verbete “Establishment”. Isto jamais diminuiu nossa simpatia para com as dificuldades enfrentadas por outros leitores. Tornou-se ainda outro fator motivando o esforço de escrever este dicionário. Ao tentar examinar fatores preponderantes na ideia de clareza que atribuímos aos escritos de Bion, algumas hipóteses surgiram, todas relacionadas à prática, que pode ser resumida em três pontos:

- (i) Onze anos de contínua prática psiquiátrica num hospital psiquiátrico tradicional, lidando diariamente com pacientes rotulados como psicóticos. A experiên-

cia incluiu “psicoterapia intensiva”, usando métodos preconizados por Frieda Fromm-Reichmann e John N. Rosen. O trabalho incluía atendimento psiquiátrico de emergência, em plantões de 24 ou 48 horas. Produziram, entre outros sentimentos, o de culpa, ao ler *Second Thoughts* primeira vez, manifestado por um lamento, o de não termos tido acesso ao livro logo no início de nosso trabalho com pacientes no hospital.

- (ii) Nove anos num centro de saúde mental comunitário.
- (iii) Dezesesseis anos de análise pessoal com dois psicanalistas diferentes, influenciada profundamente pelas contribuições de Freud, Klein e Bion.

Depois de pelo menos dez anos tentando compartilhar as ideias sobre a utilidade iluminadora do trabalho de Bion em conversas com colegas de profissão; de ter escrito um livro introdutório a *A Memoir of the Future*, junto à tradução desta trilogia para a língua portuguesa – a primeira versão no mundo - percebemos que talvez seria mais sábio guardarmos para nós mesmos nossa apreciação sobre a obra de Bion, aquela que nos dizia de sua clareza, e não obscuridade. Afinal, até mesmo Bion sentiu necessidade de alertar o leitor para isso, motivado pelas reações que testemunhava em relação à sua obra.

Percebendo ainda de que muitas destas reações eram marcadas por raiva e irritação, descobrimos uma espécie de tipologia: alguns dos que acham os escritos de Bion obscuros tem interesse sincero em sua obra, mas desistem no meio da leitura; outros são francamente hostis. Uma pessoa que fazia parte deste último grupo, tentando ganhar influência política no establishment psicanalítico, escreveu que o livro *Transformations* era “fascinante” e “contraditório”. Paradigmaticamente, não apresentou nenhum exemplo concreto de passagens do livro que pudessem ser vistas como fascinantes ou contraditórias. Nenhum desses críticos se perguntou se a realidade é simples, clara e fácil – o mesmo se aplica à psicanálise, aos sonhos, à própria vida. É como se tudo isso nos fosse dado de presente, sem dificuldade. Se a obra de Bion – ou de Freud – tem alguma coisa a ver com a realidade tal como ela é, qual seria o material através do qual seriam feitos seus livros? E como expressar a dificuldade, a complexidade cujo sinônimo bem poderia ser, “vida”. Parece-nos existir indiscriminação entre complicação e complexidade. Não nos parece existir complicações na obra de Bion, mas ela não é menos complexa do que qualquer outra obra que valha nossa atenção, do que qualquer obra realmente útil. A obra de Bion encerra – como toda obra científica – percepções do óbvio. E o óbvio é o mais difícil de se perceber, na máxima que se tornou senso comum, cunhada por I. Asimov.

Apesar de os verbetes respeitarem a historicidade e invariâncias subjacentes, sua construção teve outro ingrediente: nossas associações livres no momento da escrita, junto com anotações feitas ao longo de duas décadas. O fenômeno é parecido com o que ocorre quando o analista exerce sua atenção flutuante com pacientes. O analista, ou a analista, é capaz de recordar em um estado onírico as memórias de

suas experiências com aquele paciente, de sessões; ele, ou ela, pode acessar intuitivamente, mas não por decisões conscientes, e sim por experiência, fatos pessoais que vivenciou, inclusive com aquele paciente em particular, temporariamente esquecidas; ou por elaboração de mitos sociais ou pessoais, no exato momento em que fornece uma interpretação ou construção. Essas “ferramentas” fluem espontaneamente em sua mente. Qualquer pessoa que escreve sobre algo, tem este método a sua disposição, mesmo que possa não usá-lo ou sequer suspeitar que o tem. Isso significa que esta compilação não é o resultado de uma abordagem em voga atualmente, a saber, o recurso a métodos de pesquisa digitais. O computador foi utilizado aqui apenas como um processador de texto.

PRINCÍPIOS GERAIS DESTA DICIONÁRIO

PRINCÍPIOS FORMAIS

Como resistir à tentação de reproduzir exaustivamente todas as passagens que lidam com os tópicos selecionados? Restringimo-nos a fazê-lo apenas com, temas considerados polêmicos, sujeitos a interpretações errôneas. O leitor poderá notar que algumas citações são usadas em mais de um verbete, segundo um método didático observado por muitos, entre eles, Freud, e praticado milenarmente por muitas disciplinas, como música, orientação espacial, e aprendizado de línguas: repetição e sedimentação. Bion aborda isto quando trata da maneira pela qual um bebê aprende a transformar a palavra “Papai” no inconsciente, em *Learning from Experience*. Bion, como Franz Schubert, foi acusado de repetir seus temas, tanto na mesma obra como em outras variações, conforme registrado acima. Bion idealizou uma série notável de conceitos, baseados em algo que pode ser visto como uma língua – do mesmo modo que Freud, Klein e Winnicott. Seus termos basearam-se em experiência vivida – e viva, replicável por outros analistas. Para o leitor que não consegue entender o sentido numa primeira leitura, o “método de repetição” pode ser útil. Para leitores já familiarizados com a obra de Bion, o método pode dar a impressão de rever um velho conhecido.

CONCEITOS

Tanto quanto possível na psiquiatria e na psicanálise, e conseqüentemente na contribuição de Bion, não se pouparam esforços para extrair o caráter (ou natureza) inato que alguns dos verbetes parecem possuir; a saber, seu caráter de conceito. Bion tomava muito cuidado para não atribuir apressadamente um status de conceito científico a suas contribuições. Partimos do princípio (primeiro estabelecido por

Spinoza, e depois, por Kant) de que se uma formulação verbal consegue representar, ainda que minimamente, sua contrapartida na realidade, está qualificada a ser considerada como conceito. Para alguns leitores, a formulação verbal não apenas expressa sua contrapartida, como também carrega, imaterialmente, a própria realidade que tenta representar. Depende da experiência do leitor poder intuir o sentido que as palavras tentam comunicar, mesmo que esta tarefa, em si, e principalmente, se deixada apenas sob o encargo delas mesmas e daquele que as utiliza para escrever, esteja fadada ao fracasso. Daí, a já citada insuficiência de se ficar restrito a “invariantes sob literatura”. Freud e Bion enfatizaram que trabalhos psicanalíticos precisam ser lidos por psicanalistas, presumindo que a análise do analista seja tão extensa e profunda quanto possível. Muitos conceitos da obra de Bion, assim como ocorre com todos os conceitos analíticos validados por experiência clínica, originam-se de experiências de vida. Nossos comportamentos bestiais, mortíferos e violentos, e a seu oposto (dialético), nossos comportamentos amorosos, vivificantes e sublimes originaram todos os conceitos em psicanálise de utilidade real, tanto para pacientes como para analistas, já que todo analista precisa ser paciente – como condição de sua própria formação. Bion sofreu – mais do que “passou por” experiências como soldado e oficial em duas guerras, verdadeiras hecatombes; a formação escolar “pública” (para quem podia pagar, como ele mesmo notou), incluindo formação médica; a perda física de sua primeira esposa, Betty Jardine, justamente no nascimento de sua primeira filha; duas chances de se submeter a análise real (q.v.), com dois analistas talentosos e sinceros, John Rickman e Melanie Klein. E, acima de tudo, contou com a dedicação de sua segunda esposa, Francesca, que lhe proporcionou mais dois filhos. Um matrimônio real, cercado e embebido por afeição e não-afeição mútuas, pode – e precisa – também ser qualificado como “sofrimento”, principalmente depois das observações de Freud, Klein, Winnicott e Bion. Assim como Freud fez com Édipo, e Klein fez com *Inveja e Gratidão*, Bion tornou essas experiências, plenas de dificuldades e seu oposto, não-dificuldades, em algo útil. Tornou proveitosas, tarefas ingratas; seu sofrimento e não-sofrimento (ainda mais sério do que o primeiro, em termos de oferecer desenvolvimento) se transformou em contribuições à psicanálise, ou seja, a paciente que sofre e seus analistas.

O ÂMBITO NUMÊNICO E O ETOS DA PSICANÁLISE

Reiteramos algo já exposto: este dicionário pretende **não** ser uma “leitura” no sentido pós-estruturalista e pós-modernista do termo. Parece-nos existir problemas insolúveis no uso de expressões como “de acordo com Bion” ou “de acordo com Freud”, ou “segundo...”. Um título de um dos seminários que monitoramos sobre a

obra de Bion no Instituto de Psicanálise “Virginia Bicudo” da SBPSP foi, “Bion, segundo ele mesmo” – reflexo dos tempos de apostolados e autoritarismos que estávamos vivendo, já há três décadas. E continuamos vivendo. Qual seria a utilidade de afirmar, como virou regra no movimento psicanalítico, tão pleno de “dissidências” que relembram (des)organizações politizadas, de que “transferência (ou contra-transferência, ou fixação, etc.) não é o que Freud disse que era, mas é algo que o “Grande”, “Maravilhoso”, XXXX (o leitor pode colocar o nome que preferir, para substituir XXXX) diz que é”? Qual seria a utilidade em ficar aderido a modismos, a ultimas palavras em psicanálise, a uma obra que desbanca todas as outras? Progresso em psicanálise pode ser mensurado pela quantidade de novas palavras para designar fenômenos já descritos? Se não conseguimos ver utilidade para a ciência psicanalítica, será útil semear ou participar de “síndromes de Babel”, a serviço de fatores pessoais chamados por Freud, narcísicos. Há outra possibilidade, em ciência, de algo que não seja “de acordo com a realidade”? Não será mera coincidência que observadores filosóficos argutos, jejunos de qualquer experiência prática, mas movidos por rivalidade e principalmente, ódio à psicanálise manifestada por nunca terem se submetidos a nenhum processos psicanalítico pessoal, crendo que leitura de textos poderia substituí-la (como Popper, Sulloway, Eisenck, Grunbaun, a partir dos anos 1960), tenham escolhido este ponto central para atacar a obra de Freud. Tendo confundido psicanálise com atitudes de membros do movimento psicanalítico, e demonstrando que idólatras e iconoclastas são duas faces da mesma moeda destrutiva, podem ter sido provocados por tentativas de mimetizar ou imitar reais progressos em ciência, apenas com emissão desenfreada de pseudo-teorias sem a menor correspondência na realidade. Ou para mimetizar ou imitar reais progressos em ciência, apenas com emissão desenfreada de pseudo-teorias sem a menor correspondência na realidade, dando munição a desinformados, pois informação em psicanálise se obtém apenas por formação em psicanálise.

Uma observação da realidade, ou expressão de algo verdadeiro, expressa por algum autor real, rapidamente é elevada (sob a ótica do elevador) ou rebaixada (sob minha ótica) a uma afirmação autoritária, todo-poderosa, idolatrada. Como observou Freud muitas vezes, resgatado de modo ainda mais explícito por Bion, realidade ou verdade não se prestam a serem compreendidas, totalmente conhecidas, previstas, e menos ainda, controladas, possuídas por meio de palavras (verbalizações). No entanto, realidade ou verdade podem ser intuídas. Pode-se apreender e utilizar realidade ou verdade (a sinonímia está aberta a críticas para os que a observam sob vértices filosóficos ou religiosos, mas não para o vértice científico de observação, que se confunde com uso pratico). Mesmo que momentaneamente, em vislumbres fugazes, pode-se estar “uno à” realidade, na formulação verbal de Bion. Não sem um certo senso de humor, em *Transformations*, Bion acrescenta que realidade não é algo que pode ser conhecido, da mesma maneira que batatas não podem ser cantadas.

Batatas podem ser plantadas, descascadas, assadas, fritas, ingeridas, mastigadas, digeridas. Mas a sua realidade última, a invariância imaterial que torna a batata uma batata e nada mais – a sua “batatise” – não pode ser conhecida. Esta invariância existe; pode ser intuída, mas a nós, seres humanos, só nos é dado usar as suas manifestações, aproveitando-as; ou desperdiçando-as.

Freud, Bion, Klein, Winnicott, Einstein, Shakespeare, Bach ou quem quer que seja, tenha sido, ou venha a ser, puderam formular verbalmente, matematicamente, ou musicalmente *aquilo* que tem uma contrapartida na realidade. Podemos, de repente, ter “daquilo” um vislumbre transitório, efêmero, mas eterno enquanto dura, na formulação de um poeta (Vinicius de Moraes), de modo intuitivo. Os grandes autores, também chamados, criadores, tanto na arte como na ciência fizeram formulações que, fugazmente, apreenderam certas emanções da realidade. Nisso reside a possibilidade de uma “análise real”, um termo cunhado por Bion (q.v.). No setting analítico, os grandes autores ou criadores constituem o casal analítico, composto de um(a) paciente e um(a) analista.

Nossa tarefa, facilitada pela extrema precisão com que, na vasta maioria dos casos, Bion formulou conceitos, acompanhada por notável consistência na maneira pela qual são usados em sua obra, permitiu-nos a observação de que, em meio a uma centena de verbetes que representam conceitos, encontramos apenas dois exemplos de imprecisão. Esperamos que expressões como “precisão extrema” e “consistência notável” sejam vistas não como loas, mas como representação verdadeira da realidade dos escritos de Bion. O mesmo se aplica à citação das origens de seus termos e declarações – o que se denomina, em ciência, de citações bibliográficas. Nesta vasta maioria, explicitamos as poucas exceções: paradoxalmente, uma “vasta minoria”. Algumas, talvez, devidas a erros de revisão literária, quase que plenamente assumidas pela datilógrafa (tempos pré-editores de texto em computadores) editora e revisora de seus escritos, Sra. Francesca Bion. Podemos trazer nossa própria experiência em escrever e traduzir, que coincidiu com a dela: apesar de todos os esforços de autores, editores e revisores no sofrimento envolvido em tarefa tão exaustiva, muitas editoras tornam o processo frustrante. Quando uma pilha de livros “novinhos em folha”, dotados de capas reluzentes e muitas vezes bem desenhadas, chega às prateleiras de livrarias (eletrônicas ou não), sobra um espectro de vai de alguns a muitos erros - que o autor, tradutor ou revisor **haviam** corrigido. Algumas editoras nos trazem incômoda safra de novos erros, ao bel-prazer de tipógrafos, e, hoje em dia, diagramadores, independentes do manuscrito original.

Vamos à “vasta minoria” onde os conceitos de Bion, em sua maioria usados com coerência e da mesma maneira em todos os seus livros, acabaram incluindo quatro ocasiões em que são tratados de modo diferente. Todas elas, ligadas à definição do termo “concepção”; à definição da função-alfa; à definição do processo de transformações; e a uma atribuição única, peculiar à função-alfa. No que toca a seus

possíveis antecessores intelectuais, Bion deixa de lado a citação precisa de seus nomes por três vezes em toda a sua obra - em meio a centenas de menções.

Boa parte dos verbetes demonstram a evolução cronológica dos conceitos. Por motivos de clareza, nos casos em que existe uma definição posterior do conceito, aperfeiçoada, esta será apresentada imediatamente.

Este dicionário inclui também usos equivocados ou abusivos de seus termos - como por exemplo, que “função-alfa é a teoria do pensamento”, ou que se algo “for saturado”, ou “muito sensorial, não serviria para psicanálise”; hoje, lugares comuns no movimento psicanalítico, que desafiam e desprezam o senso comum. É necessário notar a origem de pelo menos dois desses exemplos. Talvez ninguém na psicanálise, com a possível exceção de Freud, Klein e Winnicott, tenha sido, e continue a ser, submetido a tantos ataques de seus contemporâneos como Bion. Esses ataques revelam idolatria e incompreensão. Ou, com frequência, a combinação de ambos. Críticas ferozes também sugerem idolatria não-consciente, de modo implícito. Idolatria e iconoclastia, duas faces da mesma moeda - a nosso ver, inútil. Alguns ídólatras tornam-se iconoclastas, no correr dos anos, criando as “dissidências”. Pode-se argumentar que Bion esteve em boa companhia, mas tal estado das coisas não ajuda analistas nem pacientes e menos ainda, o movimento psicanalítico. Esperamos que estas partes do dicionário possam ser suprimidas em eventuais novas edições, o que implicaria que os equívocos teriam sido sanados.

As fontes de usos equivocados ou abusivos estão indicadas nos seus respectivos verbetes. De forma geral, têm sua origem em dois problemas principais: (i) o uso de termos “emprestados” por Bion; (ii) a experiência analítica do leitor.

- (i) Bion explicita ter *tomado como empréstimo termos de outras disciplinas*. Visível sua preferência, a de não recorrer muito a neologismos, e muito menos utilizar jargão, como indicado claramente, de modo que nos parece bem-humorado, em *A Memoir of the Future* (verbe *Jargão*). Bion tenta aproveitar - segundo ele mesmo - da penumbra de associações de alguns termos já existentes em filosofia da matemática. Em geral, enfatiza quando um termo específico já vem carregado de algum significado ou conotação conhecido e estabelecido. Quer (o termo é de Bion, não do autor deste dicionário) que o leitor tenha esses significados conhecidos em mente. Por exemplo, “transformações e invariâncias”, “alucinações”. Às vezes, usa o termo, mas avisa que o leitor precisa perceber que tal termo é usado de modo diferente em sua obra do que o seria por um filósofo ou por um autor que se dedicou à teoria do conhecimento. Por exemplo, o termo “preconcepção”, sem hífen; ou social-ismo, agora hifenado. Por vezes, acabou criando novos termos para evitar associações com termos existentes, como no caso de “O”, “ α ”, e “ β ”. Finalmente, às vezes salienta algumas conotações, em detrimento de outras, como no termo, “hipérbole”. Infelizmente, pareceu-nos que muitos leitores não prestaram ou não prestam

atenção às advertências e explicações de Bion sobre o uso dos termos em seus textos, ocasionando confusão e qualificações já expressas, de dificuldade e obscuridade. Novamente, Bion está em boa companhia: no prefácio à décima edição da *Interpretação dos Sonhos*, Freud comentou que as pessoas não estavam lendo estes livros.

As disciplinas das quais Bion tomou emprestado termos são: mitologia, ciência, matemática, física, arte, tradição teológica mística (em especial a cabala judaico-cristã). O uso de termos emprestados com o propósito de facilitar a comunicação parece-nos ter sido depreciado. Alguns leitores não podem ver que esse uso dos termos não significa que Bion tenha transplantado modelos de outras ciências. Em 1975 ele advertiu: “Relatividade é relação; transferência, o termo psicanalítico e a realização correspondente aproximada. A Matemática, ciência como é conhecida, agora, não pode fornecer modelo algum. A religião, a música, a pintura, pelo menos como esses termos são entendidos, são insuficientes. Mais cedo ou mais tarde alcançaremos um ponto onde não há nada a ser feito, exceto – se é que existe alguma exceção – esperar.” (*A Memoir Of The Future*, I, 61)

- (ii) Em 1970, Bion ainda estava tentando deixar claro esperar que psicanalistas praticantes pudessem se dar conta de que *ler sobre* psicanálise é diferente de *praticar* psicanálise, pois “só [podia] representar” a prática “por meio de palavras e formulações verbais – que têm uma finalidade diversa” (*Attention and Interpretation*, Introdução). Isso significa que Bion contava com a análise pessoal e com a experiência analítica do leitor. Falta de prática analítica torna o leitor cego ao valor do intenso uso de **analogias** na obra de Bion: “A abordagem psicanalítica, ainda que valiosa ao ampliar o consciente, através do inconsciente, acabou ficando viciada por sua incapacidade de entender a função de “seio”, “boca”, “pênis”, “vagina”, “continente”, “conteúdo”, enquanto analogias. Mesmo escrevendo isto, a dominância sensorial de pênis, vagina, boca, ânus, obscurece o elemento a que a analogia busca dar significado” (*A Memoir Of The Future*, I, p. 70-1). Estas analogias são, muitas vezes, oferecidas por meio de metáforas e máximas, inspiradas ou retiradas de poesia romântica e poesia teológica da tradição mística.

Aqueles que não conseguem transcender aparências apreensíveis por meio dos sentidos, ou seja, aqueles tendentes a concretizar de modo excessivo (tanto suas leituras, como seu modo de sobreviver) também não conseguem apreender o fato de que a tradição mística, assim como a matemática, a arte e a filosofia, foram ou são *modos anteriores à psicanálise (ou seja, mais primitivos) de expressar tentativas humanas de se aproximar da natureza humana e do funcionamento daquilo que hoje denominamos, de modo prevalente, “mente”*. Os vários comentários sobre esta denominação

verbal incluídos nos dois primeiros volumes de *A Memoir of the Future*, espalhados em vários verbetes (por exemplo, psicanálise real, O, realidade última, “Estar-uno-a” (*Atonement*), Linguagem de Consecução) podem ser úteis para delimitar com mais clareza algo que não sabemos o que é, mesmo que saibamos que ocorre, que existe, e que já recebeu um sem-número de denominações através de vários milênios: psique, alma, espírito, cérebro, personalidade, mente. Tentativas míticas, matemáticas, místicas, tentaram servir a humanidade antes da intrusão da ciência e da ciência psicanalítica. Não poderemos nos deter sobre o tema neste momento, já o tendo abordado em uma série de sete livros e vários artigos publicados em periódicos psicanalíticos no Brasil e no exterior; o tema se refere à natureza negativa dos âmbito numênico.

Esta, uma das maiores contribuições de Bion ao conhecimento humano e para conhecer dificuldades em obtê-lo. Seguindo indicações de Freud, e expandindo-as em *Transformations, Attention and Interpretation* e *A Memoir of the Future* situa-se o clímax de seus esforços. Bion costumava dizer que pessoas como Shakespeare tinham sido grandes psicanalistas, antes que aparecesse um Freud para pensar o pensamento sem pensador chamado “psicanálise”. Em *Transformations*, sugere: Platão foi patrono do objeto interno de Melanie Klein (*A Memoir of The Future*, I, p. 138). Em outras palavras, parcialmente semelhantes ao que esta registrado em *A Memoir of the Future*: aquilo que a psicanálise, por meio de observações clínicas, como herdeira da medicina colocou à disposição de pessoas individuais que sofrem, já havia sido abordado por um sem-número de profetas, fazedores de mitos, artistas, mãe e pais, e também filósofos, desde o início da humanidade. Ainda que de modo mais primitivo e muitas vezes, sofisticado artisticamente; mas levando em conta apenas o grupo social – e não o indivíduo. O que vem a ser este “aquilo”? É algo pertencente ao âmbito numênico – emanações do que é desconhecido, ou inconsciente – em parte por sua natureza em todo semelhante ao espaço-tempo ocupado por matéria e não-matéria (energia), se utilizarmos a terminologia corrente na física. Realidade sensorial e psíquica, que assinala um dos capítulos em *Attention and Interpretation*, idêntica, e mais precisa ao descrever um paradoxo daquilo demonstrado por Freud com terminologia pouco diversa, realidade material e realidade psíquica.

Os termos de Bion, mesmo quando emprestados da arte, teologia, matemática ou do neo-positivismo, podem não ser considerados como proveniente de um artista, clérigo, matemático ou neo-positivista tentando impingir arte, religião, matemática ou neo-positivismo à psicanálise. Pois Bion tentava ser psicanalista, e não artista, clérigo, matemático ou neo-positivista. A reverência respeitosa de Bion frente ao desconhecido (*unbewubt*, no alemão de Freud, mais conhecido por inconsciente, termo que se tornou jargão, e por isto, perdeu seu valor inicial) parece-nos semelhante aquela que pode-se encontrar na obra de Platão, Kant, Luria, Ekhart, São

João da Cruz, Diderot, Goethe, Keats, Nietzsche, Freud, Einstein, Heisenberg, Buber para mencionar apenas alguns, quase todos citados por ele. Muitos leitores aos quais parece-nos escapar a apreensão das analogias, e em função disto, tendem tanto para o que Kant denominou, “realismo ingênuo”, e o que pode ser visto, como outra face da mesma moeda inútil, “idealismo ingênuo”, não hesitam em dizer que Bion era: (i) louco, deteriorado, senil. (Joseph, 2002); (ii) incompreensível, não-psicanalítico. Por exemplo, o coordenador da sessão sobre esquizofrenia do IPAC em Edimburgo, em 1961, que teria exclamado “Isso não é mais psicanálise!”, ao mesmo tempo em que atirava sobre a mesa um manuscrito contendo “A theory of thinking”, logo após sua apresentação pública (Bicudo, 1996). Alguns rejeitaram totalmente alguns conceitos, como o de pensamento-sem-pensador, afirmando que não teriam nenhum valor psicanalítico (Segal, 1989); outros o achavam ser apenas um teórico, cuja obra não teria qualquer aplicação clínica (Joseph, 1986). Bion referiu-se a esses em *Cogitations*. críticos em sua obra (por exemplo, *Cogitations*, p. 377).

POUCAS TEORIAS

Um último comentário sobre a natureza dos conceitos. Com a exceção de duas teorias, (i) do pensamento; e (ii) do continente/contido, acrescidas de uma teoria inacabada, provisoriamente denominada, metateoria, Bion não criou novas teorias em psicanálise. Mas expandiu teorias existentes para que elas se adequassem melhor aos dados empíricos (clínicos). Além disto, Bion introduziu teorias de observação do ato psicanalítico, para uso do psicanalista praticante.

Suspeitamos de que existem conceitos não suficientemente desenvolvidos, e, em função disto, foram omitidos na feitura deste dicionário. Por exemplo: “voga” (C, 374). Nossa escolha foi a inclusão daquilo que foi claramente definido como conceito – uma reiteração de que este dicionário não inclui interpretações, e menos ainda, ideias pessoais sobre o que “Bion estava dizendo” ou “tentando dizer”. Podemos observar o que ele escreveu, e no nosso modo de ver, Bion foi um autor que escreveu de modo claro, apesar de compacto e sintético. Deixou ainda uma série de escritos preparatórios, publicados postumamente por sua dedicada esposa, que levou à frente algo que ela mesma classificou ser, “*spread the word*”, disseminar seus escritos (Francesca Bion, 1985). Quem, hoje, pode se arrogar a dizer o que Bion disse, dado o fato de que seu falecimento deu-se em 1979? Bion fez questão de “não deixar escola”, não nomeou representantes nem apóstolos; ficou notória sua verdadeira abominação por autoritarismos. Bion não teve a felicidade de encontrar um interlocutor crítico, que pudesse auxiliá-lo em algumas denominações – algo que Melanie Klein, e Freud, tiveram. Melanie Klein pensava em intitular uma obra,

como “Inveja”. A ação decidida de um de seus analisandos, Elliott Jacques, a fez modificar o título para “Inveja e Gratidão”. Pensamos que o livro *Transformations* bem poderia ser melhor intitulado como *Transformations and Invariances*; os artigos, “On Arrogance”, poderia ser melhor intitulado como “On Arrogance, Curiosity and Stupidity”; “Notes on Memory and Desire”, poderia ser intitulado “Notes on Memory, Desire and Understanding”. Arrogar-se a dizer “o que Bion disse” seria, na melhor das hipóteses, um exercício da imaginação, em um espectro que parte da frivolidade, alcançando o disparate. Isso não significa, no entanto, que os comentários apresentados aqui não incluam nossa experiência, ou nosso modo de formular o que já estava formulado de outro modo. A intenção, à maneira de Ruskin, é que esses comentários refletindo nossa experiência não dominem o texto; as citações extensas garantem que nunca substituirão o original de Bion.

As origens – raiz científica, mítica ou literária – e a historicidade dos conceitos foram iluminadas pela consulta direta nas cópias pessoais dos livros dos autores consultados e utilizados por Bion, graças ao seu hábito de fazer anotações às margens das páginas de suas cópias. Segundo Francesca Bion (1988), sua maior preocupação, dentre muitas mudanças geográficas de pessoas entre países traz, foi embalar os milhares de livros - que Bion havia adquirido desde 1920. De Platão a Popper, passando por Copplestone, boa parte dos literatos e poetas românticos e modernos ingleses e franceses, principalmente autores do Iluminismo e Renascença; obras religiosas, como a Bíblia, o Alcorão e o Baghavad Gita; obras de teoria da ciência, biografias, e de história das ideias clássicas no mercado editor inglês – como a obra de Eric Temple Bell. Sempre nos foi impossível agradecer adequadamente a ajuda generosa de Francesca Bion, que nos enviou fac-símiles de algumas destas páginas comentadas, entre 1981 e 2002 e franqueou-nos acesso livre à sua biblioteca, herdada de seu marido, em uma viagem para Oxford, em 2004. Nossos comentários sobre as origens intelectuais da obra de Bion podem, com justiça, ser considerados muito mais do que meras hipóteses - foram comprovados por pesquisa de campo, na residência de Francesca Bion, em Oxford.

Não podemos afirmar que a lista de verbetes deste dicionário está completa, já que não se inclui em nossas aspirações, nenhuma perfeição. Este autor será grato ao leitor que eventualmente descubra definições e conceitos de Bion faltantes a este dicionário; caso contrário, tanto o dicionário como futuros estudiosos precisarão suportar o peso das limitações deste autor.

Manifesto um desejo pessoal, dirigido aos leitores: que este volume seja pelo menos um pouco útil, e que sirva como convite a futuras leituras dos textos de Bion.

Pós-escrito para a edição brasileira

Entre 2005 e 2019, muitos colegas, cuja língua materna é o português - uma condição idêntica à do autor - perguntaram, em um espectro que contemplou, em um polo, curiosidade e em outro, perplexidade: porque não há uma versão em português? Como todos os porquês, este é de resposta longa e difícil. Envolve aspectos sociais e pessoais. Sob o vértice macro-social, liga-se a características dos processos editoriais típicos de nosso país, totalmente dependentes de mercado, de políticas econômicas, e de distribuição de livros – alvos de distorções tão sérias que resultaram na extinção de grandes livrarias, e da venda de editoras às empresas do grande capital, hoje globalizado.

Durante este tempo, duas grandes editoras brasileiras de livros de medicina e de psicanálise interessaram-se em publicar uma versão em português. Desistiram, ao calcular os custos e se inteirar do preço cobrado pela editora inglesa original, Karnac Books, representava menos do que a metade daquele que teriam que arcar. Uma destas editoras encontra-se em fase pré-falimentar.

Sob o vértice micro-social, liga-se a características típicas de nosso país, onde instituições de propósitos científicos são rápida e continuamente dominadas pela meritocracia política, ou por elites minoritárias dominantes, que relegam a meritocracia científica a posições secundárias – criando grupos sectários e idolatrias a pessoas pertencentes à meritocracia política intra-grupal, sob os pressupostos básicos em grupos, primeiro descritos por Bion. Que são objeto de alguns verbetes nestes dicionário.

Uma versão em língua inglesa pareceu a este autor que poderia evitar – e de fato evitou – estas situações problemáticas. Encontrado um público incomparável, em termos numéricos. Tornou-se referência mundial; tem sido re-impressa muitas vezes, nestes quatorze anos – sem modificações no conteúdo. Foi indexada na National Library of Congress, USA, e tem sido utilizada por algo em torno de oitocentas universidades nos Estados Unidos, em suas bibliotecas circulantes. E, em menor número, em universidades europeias e asiáticas – além de compradores individuais.

Durante os dois anos iniciais, prévios à recessão econômica que abalou o capitalismo mundial, foi vendida em versão capa-dura. Como nota curiosamente lamentável, cópias nesta edição são ofertadas a preços facilmente qualificados como ridículos: mais do que mil dólares por cópia, no site Amazon. Cópias em brochura podem ser adquiridas novas – hoje editadas pela grande editora Taylor & Francis, sob o selo Routledge, que adquiriu, em 2017, a Karnac Books.

Os porquês pessoais se substanciam pela feitura do próprio dicionário; podem ser resumidos por uma qualificação: uma necessidade de compartilhamento social do que nos parece ser, conhecimento, quando nos parece haver ausência do mesmo. Em função disto, boa parte dos verbetes contempla uma secção, denominada, “falhas e distorções na apreensão do conceito; des-entendimentos”. O autor espera que estas secções tornem-se ultrapassadas, pela leitura da obra, e principalmente, pela leitura atenta dos textos de Bion.

Se o intervalo de 14 anos pode ser visto como desvantagem para leitores que não puderam ler a versão em inglês, apresenta também duas vantagens: é uma versão consideravelmente expandida, e portanto mais completa; e dispõe de um índice, algo que a versão em inglês ainda não tem. Esta versão foi feita por Daniela Sandler, Patricia Lago e teve a colaboração de Beatriz Aratangy Berger. Foi totalmente revista e expandida pelo autor.

A feitura desta versão em português teve um fator principal: a implementação da Karnac Books no Brasil, através de uma associação com a Editora Blucher.

UMA HISTÓRIA

Em 2015, a editora Karnac Books, sediada em Londres, permanecia como a única editora de livros dedicados ao nicho de mercado de psicologia que mantinha-se independente dos grandes grupos financeiros que estavam dominando o mercado livreiro mundial. Que sofria do fenômeno descrito por economistas, de “consolidação”: eufemismo para absorção do pequeno capital pelo grande capital. Karnac Books enfrentava redução de mercado na Europa e nos Estados Unidos para livros em psicologia. Decidiu implantar-se no Brasil e na Argentina. O autor deste livro foi convidado para executar a implantação - em grande parte respaldado pelas boas vendas deste dicionário e pela excelente relação que foi desenvolvendo ao longo deste tempo com o *Publisher* (como tem sido conhecido os proprietários-editores de casas publicadoras de livros), Sr. Oliver Rathbone.

Propôs ao Sr. Rathbone, uma procura de leitores em potencial por análise estatística prévia. Estes leitores poderiam propiciar, em princípio, venda que pelo menos garantisse retorno da quantia investida. A implantação no Brasil se daria por métodos experimentais: uma pesquisa no mercado comprador formado por membros e alunos de três centros de formação psicanalítica para descobrir quais poderiam ser as obras, e que autores, internacionais ou brasileiros, estes membros e candidatos à formação analítica precisavam, ou queriam ler. O editor apoiou a iniciativa.

A ideia era de que uma eleição livre, de natureza investigativa, sem candidatos prévios – a “candidatura” emergiria na escolha de leitores – poderia garantir uma venda que justificasse o investimento. Fez-se a hipótese de que, da pesquisa estatís-

tica, poderiam emergir uma lista de autores. Embora inspirada no que já ocorrera no exterior, por venda prévia de livros, onde se apresentava, por mala direta, seu conteúdo, compôs uma experiência editorial inédita, na busca de representação democrática, sem favorecimentos de nenhuma espécie.

Através de uma amostra representativa do nicho de mercado para livros de psicanálise – formada por três entidades de ensino que também eram associações de pessoas interessadas em formação de psicanálise, composta por um universo amostral de pouco mais do que 5.000 pessoas, contatada por meio eletrônico (e-mail), em duas consultas separadas por quinze dias (para evitar qualquer tipo de interferência que viciasse a própria pesquisa), solicitou-se aos respondentes, sem que se revelasse o nome da editora, que indicassem o nome de um autor brasileiro, um autor estrangeiro e uma obra, caso soubessem, que desejariam ter impressa em versão nacional. A hipótese de trabalho revelou-se verdadeira: obteve-se uma listagem de 48 autores. Na primeira lista, obtida pelas primeiras respostas, havia 16 autores. Na segunda lista, boa parte obteve entre um e cinco votos.

O Sr. Rathbone decidiu-se pela escolha dos 7 primeiros mais votados, para levar a cabo os trabalhos de tradução, se fossem livros escritos em língua estrangeira, ou de impressão, se fossem livros de autores nacionais. Destes sete livros, foram preparados e impressos quatro. Cinco, dentre estes autores, demonstraram surpresa pela escolha e principalmente pela ideia de haver um projeto democrático em um mercado em diminuição, agora dominado por iniciativas onde os riscos financeiros eram assumidos por autores, e não mais por editores – com algumas exceções. Quatro autores aceitaram ofertar suas obras. Um autor declarou-se comprometido com outra editora. Dois deles não emitiram nenhuma resposta ao convite.

O primeiro livro mais votado foi *The Language of Bion – a dictionary of concepts*. Embora o livro escrito originalmente na língua inglesa já tivesse vendido pouco mais do que 600 cópias no mercado brasileiro, tal escolha surpreendeu este autor.

Introduzia-se, a seu ver, uma questão ética, pois o autor coincidentemente administrava a implantação da Karnac no Brasil. Embora o editor discordasse, anuiu frente a decisão pessoal do autor, de deixar a tradução do livro para o último lugar, invertendo a escolha do leitores, no cronograma elaborado para os trabalhos de implantação.

Os dois anos seguintes findaram a fase de implantação - com a tradução e preparação de 27 livros. Nestes não estava incluído o dicionário, pois houve o lançamento de quatro livros de autores nacionais. Estes dois anos foram marcados pela emergência da verdade econômico-financeira no Brasil: corrupção desenfreada, como nunca dantes vista, irresponsabilidade fiscal, que piorou todos os índices econômicos, fazendo retornar taxas inflacionárias insuportáveis. Inviabilizou-se a etapa seguinte do projeto: a implementação da editora no Brasil. A editora Karnac, já pressionada financeiramente na Inglaterra e Estados Unidos, percebeu o incremento

no risco de se implementar no Brasil. Investimentos mais altos em pessoal, questões aduaneiras, jurídicas e fiscais tornaram-se, rapidamente, obstáculos intransponíveis.

Neste momento, por nova coincidência, a Editora Blucher – muito respeitada em outros nichos do mercado livreiro, dedicada à ciência e engenharia, decidiu-se adentrar na edição de livros de psicologia. O autor deste livro convidou os dois editores para que fizessem uma reunião. De onde surgiu um acordo de co-edição destes vinte e oito títulos – inclusive o dicionário.

MODO DE USAR

Com base na experiência com colegas e candidatos à formação psicanalítica, e no nosso modo de ler, permitimo-nos sugerir um instrumento. Analogicamente, como se fosse uma bússola, para ser usada por leitores que precisem, ou desejem alguma orientação na leitura.

Bússola são feita por um material imantado que fica atraído, ou é exercida sobre o material uma força natural de nosso planeta, que reage pela atração, expressa por movimento.

O “material imantado”, nesta analogia, é aquilo que orientou todo cientista e artista desde que ciência e arte existem. Denominado por Immanuel Kant, de “análise crítica de métodos”, ou, abreviadamente, “criticismo”. Exercido sobre algo natural em todos nós, chamado por Aristóteles de “ânsia de saber” e de instinto epistemofílico por Freud. Onde há desenvolvimento de curiosidade sexual para curiosidade científica e artística. Isto foi um fator importante na obra de Freud – e de todo cientista e artista – inspirado, segundo ele mesmo, por Charcot. Que exerceu análise crítica sobre o que acompanhou, por tempo suficiente, em mulheres internadas em Sapetrière, cujo comportamento parecia ser de epiléticas, mas demonstrou-se como forma de histeria. Pois toda leitura – a não ser a influenciada por propaganda ou política ideológica – é um método científico, na extensão de que é um modo de se aproximar da realidade. A realidade não pode ser apreendida caso nos limitemos por aparências, apreensíveis pelo nosso aparato sensorial. Com a imantação de uma “análise crítica”, quais seriam nossos pontos cardeais?

Norte: Sentidos do autor - Para exercer a análise crítica, será necessária uma disciplina – como aquela à qual se submetem artistas, atletas e cientistas – de não tentarmos impor nossos próprios sentidos, ao sentido do autor. Mitos como o do “Gênio da Lâmpada” nos aconselham que, na qualidade de leitores, somos mais abridores (como abridores de garrafas ou latas) do que conteúdo, e que o autor é mais conteúdo do que forma. Sugerimos que o nosso Norte seja a recomendação de John Ruskin, em *Sesame and Lillies*. Quando temos acesso a um texto – além de adquiri-lo, ou pedi-lo emprestado, ou copiá-lo para depositar em algum armário - ou

seja, um acesso que não seja apenas materializado, será necessário respeitar que a realidade primeira à qual será necessário que nos aproximemos seja a realidade daquilo que o autor tentou expressar. Em termos psicanalíticos: é necessário não se dedicar a projetar nossos sentidos sobre o texto, sob o vértice de Freud, ou fazer identificações projetivas sobre o texto, sob o vértice de Klein. O que o autor pretende ou estaria pretendendo dizer e comunicar? Qual será a realidade que este autor pretendia abordar?

Em psicanálise, a questão não se reduz a semânticas, embora as incluam necessariamente. É necessário um respeito e domínio mínimo da língua do autor – algo problemático, por trabalhoso, mas não intransponível, na obra de Freud. Bion, por sua vez, escreveu em inglês – em princípio, mais acessível. Embora muitos leitores cuja língua materna é inglês o qualificam de obscuro.

Psicanálise é um modo de apreender os sentidos e estruturas psíquicas do outro, do paciente. Muitas delas, absolutamente novas para nós; e as que não o são, estarão transformadas. O que ocorreria, caso uma postura psicanalítica não pudesse ser aplicada a leituras de textos?

A experiência psicanalítica – idêntica à experiência médica de diagnóstico e semiologia (armada ou não), e também a algumas testagens psicológicas, como o teste de Rorschach, de Pfister, WISC e outros, nos mostram a necessidade peremptória (um imperativo categórico, na linguagem de Kant) de que nos aproximemos do que o paciente, ou o indivíduo - que nunca é a nossa pessoa - pretende dizer e principalmente, pretende não dizer, mesmo que não saiba de nenhum dos dois. De como o paciente ou o indivíduo que não é a nossa pessoa está estruturando sua linguagem, e a ausência dela - em atos falhos, ou sob efeito de trabalho onírico, ou sob comunicações não verbais.

Sul: Disciplina - De posse deste “Norte”, qual seria o nosso “Sul”, nesta bússola analógica? Será definido por uma conjunção de vários negativos: uma disciplina para não fazermos uma leitura idolátrica, onde o que o autor diz não estaria sujeito, a priori, a nenhuma crítica – apenas por que foi dito por aquele autor. Que é preferido, demasiadamente, por propaganda (tantas e tantas vezes, por casas editoras, com finalidades comerciais); ou por erudição; ou por moda; ou por compartilhamentos político-financeiros; ou religiosos; ou por rivalidades nacionalistas; ou por patriotismo – “o último refúgio do velhaco”, na observação do Dr Samuel Johnson, um autor do Iluminismo inglês citado por Bion. Ou por todos estes fatores, em conjunção constante e portanto, avassaladora, impediente de disciplinas do leitor, e que podem ser ensacadas em um mesmo invólucro: busca de prazer. Nosso “Sul” também necessita que não seja uma leitura iconoclasta, onde o que o autor diz está destruído a priori, justamente por ser dito por aquele autor. É um engano misturar a pessoa do autor, ou, pior ainda, dados biográficos a respeito dele, com sua obra. Embora pareçam constituir-se como exceções, reconhecidos canalhas legaram arte

real a todos nós – como Richard Wagner; ou praticantes de violência contra mulheres, como Auguste Rodin, Diego Rivera e Pablo Picasso. Ou cientistas que nos legaram notáveis avanços, mas com conduta cruel e até violenta – como James Watson, a respeito de propaladas diferenças intelectuais devidas à hiperpigmentação tegumentar, e Albert Einstein, no que se referiu à sua relação com a primeira esposa, Mileva Maric-Einstein, e seu filho, além da atitude, depois objeto de desculpas pessoais, frente a S. Freud, na possibilidade da entrega de um Premio Nobel. Leituras idolátricas e iconoclastas apelam para racionalizações, tentando substituir criticismo. Na maior parte das vezes, idênticas na invariância, apesar de aparentemente opostas na aparência, transformada por palavras para persuadir o leitor de que se trata do melhor ou pior texto do mundo escrito pelo melhor ou pior autor. “Melhor” é escrito como “genial”, “único”, “revolucionário”, “inovador”, criador de “paradigmas novos”, etc. “Pior” é escrito como “louco”, “errado”, “ruim”, “obscuro”, “ininteligível”, etc.

Nosso “Sul” corresponde ao que Bion observou sobre a necessidade de disciplina sobre entendimento, desejo e memória. Podemos ler um livro do mesmo modo que podemos ajudar um paciente a obter uma análise:

...o analista que vem para uma sessão com uma memória ativa não se encontra em posição de fazer “observações” dos fenômenos mentais desconhecidos, pois estes não são sensorialmente apreensíveis (AI, 107)

Entendimento é reduzido a uma porta de entrada, as condições pictóricas ou acústicas: um livro é feito por páginas, frases, palavras e letras; não permite apreensão, a despeito de propagandas sobre “inteligência artificial” computadorizada. Kant denominou esta tendência de “realismo ingênuo”, que precisa ser disciplinado se precisarmos ou quisermos obter uma leitura real.

Leste: Senso Comum - Definidos (como limites) “Norte” e “Sul”, podemos procurar: quais seriam os outros dois pontos cardeais? Leste, o lugar que começamos a ver a luz, seria, analogicamente, respeito ao senso comum (q.v.). O que será lido não brotou de nós, por mais que alguma vez, no passado desconhecido, o tenhamos intuído, ainda que parcialmente, e em outras condições. Ou, em grande parte das vezes, nunca o tenhamos intuído. Uma parte dos leitores poderá fazer o ajuste, utilizando-se de senso comum (q.v.) na leitura – diferente de uma pessoa qualificável como “psicótico”. Quem poderá, ou poderia afiançar a porcentagem de leitores que façam o ajuste? Há uma necessidade de precisão mínima em uma linguagem comunicacional; a fortiori, em um texto científico e em um texto com pretensões de se constituir como dicionário.

Oeste: Solitude - Toda a questão da leitura pode estar compactada em um verso predileto de Bion, cuja autoria foi de Rudyard Kipling, nos servos dos “Sete

Pilares da Sabedoria”: O quê, Porque, Quando, Como, Quem e Onde, lançados por mar e terra, para o leste e para o oeste. Após terem trabalhado, concedemos-lhes um descanso. O sétimo é o que falta: nossa leitura, feita em solitude – mas nunca solidão. Historicamente, definiu-se arbitrariamente, mas com alguma base natural, de que vivemos no “Oeste”². Dentro deste senso comum, nosso “Oeste” na leitura, será composto por nós mesmos. Só podemos ler com os nossos olhos – ou, na formulação poética de Keats, “o belo está nos olhos de quem o vê”, e também, o feio.

Parece-nos necessário considerar um aspecto ambiental. Vivemos, atualmente, sob uma tendência escolástica, dita “pós-moderna”, que favorece idealismos e, conscientemente ou não, desanda em personalismos e cultos a personalidades. Nosso “Norte” exclui todas e quaisquer ideologias a priori, como as advogadas por leituras idealistas e relativistas, típicas de nossos tempos “pós-modernos”. Que autorizam apenas aquilo que surge na concepção do leitor, negam sentidos do autor – o universo seria aquilo que a mente individual diz que ele é. Algo indispensável e intrínseco, mas de forma alguma, suficiente.

Não será leitura “pós-moderna”; nunca será idealista, ou solipsita, ou subjetivista, ou narcisistas, mas sempre uma leitura “moderna”. No sentido de que seremos sempre mais modernos do que o escrito - mesmo que tenha sido escrito por alguém mais novo do que nós mesmos, cronologicamente. Pois chegamos ao escrito depois dele ter sido escrito, para fazermos a análise crítica, imantando-nos ao nosso “Norte” – o sentido do autor . O quão atraídos ou imantados? Dependerá de tudo que não nos deixa sós: nossa formação; educação; experiência de vida; experiência clínica; psicanalítica; dotações do nosso aparato sensorial e aparato psíquico. Corresponde ao que em música e também em psicanálise, se denomina, “interpretação” – diferente entre os interpretes, e por vezes, diversa no tempo para o mesmo intérprete. Mas o autor precisa ser reconhecido, pois uma vez foi conhecido.

O autor expressa o mesmo desejo registrado na versão inglesa, mas acrescido a uma necessidade – a de tentar atender a um anseio demonstrado por centenas de pedidos pessoais de colegas, ao longo destes quatorze anos. Que a consulta deste livro, agora em português, lhes seja útil - e não uma perda de tempo.

Paulo Cesar Sandler, 2019.

² Dizer-se, “civilização ocidental”, tornou-se senso comum mundial, mesmo que não universal. Para uma pessoa nascida no Japão ou China, será verdadeiro, mas contrario ao senso comum, dizer-se que possam viajar para Leste e não mais do que de repente, encontrarem-se naquilo que o senso comum diz ser, América (do Sul, do Norte, ou Central).

A

ALFA (α)

Sob um estudo histórico dos conceitos formulados por Bion, trata-se de uma formulação quase-matemática precocemente descartada. Foi substituída pelo conceito de função-alfa (ou função- α ; as notações gráficas variam, na obra de Bion). Também utilizado como notação taquigráfica, para outro conceito descartado, o de trabalho onírico α (q.v.). O conceito tem interesse para estudiosos da história das ideias de Bion que pretendem alcançar a evolução que resultou nos seu descarte, em torno de 1961, à luz de experiências clínicas. O leitor está convidado a consultar os verbetes: função- α e trabalho onírico α . De modo nada usual, e talvez ligado a um problema de revisão das provas originais, o conceito, Alfa (α) ressurgiu em apenas uma única ocasião, em 1975 (AMF, I, 59).

ALUCINAÇÃO

Bion usa o termo exatamente no mesmo sentido que tem sido classicamente definido pela psiquiatria e pela psicologia acadêmica. As contribuições de Bion fazem parte de um passado, provavelmente de uma era dourada de contribuição mutuamente frutífera entre a psicanálise e a psiquiatria. Uma época que pode ser datada: do final do século XIX, com o trabalho de Emil Kraepelin, Karl Bonhöfer e Eugen Bleuler, perdurando pelo menos até a 1980, no final da geração que produziu psiquiatras como Henry Ey e Silvano Arieti, os irmãos Menninger, Harry Stack Sullivan, Donald Winnicott, Herbert Rosenfeld, W. Clifford Scott, entre outros; na Europa, André Green.

Durante a época da confecção deste dicionário, houve interrupção desta polinização cruzada. Não se situa no escopo deste dicionário investigar se tal interrupção é um sinal de extinção; nem tampouco sobre fatores que contribuíram para ela. Dado o fato, observado por Francis Bacon, de que “toda novidade não passa de esquecimento” (em *Ensaíos*), e da constatação de períodos cíclicos na história do conhecimento dentro da civilização ocidental, de enterramentos e re-descobertas, é possível que tal polinização cruzada possa retornar. O gradativo desconhecimento

que parece imperar em alguns setores a respeito de definições básicas em psiquiatria e psicanálise implica a inclusão dessas definições no presente texto.

Alucinação é um conceito que define a existência de percepções anobjetais, ou seja, que não possuem nenhum objeto real para estimular algum órgão sensorial; em outras palavras, uma percepção que carece de objeto; uma falsa percepção. A mente cria imagens, ou outras manifestações sensoriais, a partir de nada. Trata-se de um processo, até certo ponto, similar ao que se observa na produção onírica. Sabe-se que há ligações neuronais entre o sistema ocular e o sistema nervoso central (cérebro). Fazem parte do sistema ocular dois olhos, que abrigam vários órgãos internos, entre os quais aquele denominado retina – neurônios especializados em captar energia luminosa, que age como estímulo externo (fótons). Partindo dessa definição, Bion amplia seu escopo e investiga sua origem. Observando pacientes que não podem sonhar, nem tampouco alucinar sonhos, Bion dá-se conta de que esses pacientes recorrem, na vida de vigília, a uma forma especial de imagem – e, por vezes, a outras manifestações sensoriais. Imagens que parecem funcionar como meios de comunicação com aquilo que não lhes parece ser pensável; com aquilo que não lhes parece poder ser incluído nos seus processos oníricos; aquilo que não lhes parece ser tolerado intrapsiquicamente.

Bion escreve, como verdadeira qualificação ou julgamento prático, que “é essencial, e também compensador, *acessar tal observação do processo alucinatório*”. A revisão prática do termo não o modifica; aumenta seu alcance durante a prática psicanalítica. Esclarece uma função; e também uma origem de alucinação, demonstrando seu caráter “grupal”, isto é, um processo que envolve duas pessoas, em vez de apenas uma. A expansão observacional implica a própria expansão do vértice psiquiátrico, usualmente positivista, na crença de um observador neutro, fornecida pela psicanálise, que introduz o fator relacional. Não se trata mais de se entreter a fantasia positivista, idêntica à do lugar-comum, de um observador neutro, “observando” a loucura do outro ser, mas da apreensão de um relacionamento entre dois seres animados. Nesse sentido, a psicanálise avançou para além de crenças positivistas, claramente enunciadas na obra de Auguste Comte, inserindo a própria psiquiatria no âmbito das ciências modernas, como a física e a química pós-Planck e pós-Einstein, e a biologia pós-Darwin, que estudam relações entre fenômenos. Psicanálise e física levam adiante descobertas da matemática, a ciência mais precisa até hoje conhecida, fornecendo status científico às observações da psiquiatria fenomenológica, ainda que empírica, mas relegada à impressionística superficial.

FUNÇÃO

A atividade alucinatória parece ser “*uma tentativa de lidar com a parte psicótica*” da personalidade, usualmente sentida como perigosa (ST, 71). Como expansão da

obra de Freud em relação aos caminhos da formação de sintomas, descrito nas conferências introdutórias sobre psicanálise na Universidade de Viena, entre 1916 e 1917, Bion observa que o *leitmotiv* dos processos alucinatorios contitui-se como “*uma tentativa de cura*”.

A primeira observação analítica de Bion publicada sobre a alucinação utiliza plenamente as percepções de Klein sobre a fantasia de identificação projetiva e também de identificação introjetiva: os pacientes alucinam ter uma capacidade concreta tanto para ejetar como engolfar sentimentos e ideias, e até mesmo ejetar e/ou engolfar uma pessoa: “*Pode ter ocorrido o fato de o paciente ter manipulado a análise, e a mim mesmo, a tal ponto que, em seu sentimento, eu não seria mais um objeto independente, e poderia então ser tratado por ele como se fosse uma alucinação*”.

Observa um paciente que sentiu que “*seus olhos podiam sugar algo de mim*”; os olhos também podiam “*expulsar*” aquilo que ele tinha sugado para dentro de forma alucinatoria (ST, 67). Bion, segundo seu escrito, parecia ser capaz de trabalhar de um modo em que simultaneamente aliava prática e teoria; habilidade psicanalítica praticada primeiramente por Freud, e passível de ser reproduzida por analistas atentos que puderam obter sua própria análise: uma visão dinâmica, que permite uma tolerância de paradoxos. Neste caso, uma postura pessoal aberta, possibilitando observar uma fantasia “interna” e “externa”, ocorrendo simultaneamente, de modo, especificado pela primeira vez por Freud, “dinâmico”. Realmente, Freud sugeriu pelo menos três nomes para a ciência que descobrira: psicanálise, psicologia profunda e psicodinâmica.

Uma das aplicações que pode ser considerada como prática similar àquelas preconizadas pela psiquiatria preventiva aparece na frase “*Uma ‘consciência consciente’ [awareness, no original] do duplo sentido que verbalizações alusivas aos órgãos sensoriais têm para o psicótico, por vezes, possibilitam detectar um processo alucinatorio antes de ele se denunciar por meio de sinais mais conhecidos*” (ST, 67). Os sinais mais conhecidos correspondem à perturbação manifesta conhecida em psiquiatria como esquizofrenia e sentimentos malignos de perseguição. Bion, fiel à visão de Freud sobre a função “curativa” dos sintomas, mostra-os como um ajudante para o psiquiatra, evitando posturas que apelem para julgamentos de valor.

Alucinações e a fantasia de que órgãos sensoriais poderiam ejetar e também receber indicam a severidade do distúrbio impondo sofrimento ao paciente; no entanto, preciso assinalar a benignidade no sintoma, que certamente não foi demonstrada anteriormente. Clivagem, uso evacuativo dos sentidos e alucinações estavam sendo empregados a serviço de uma ambição, a de ser curado, e, portanto, podem ser considerados como atividades supostamente criativas (ST, 68).

É profícuo considerar o processo alucinatório como uma dimensão da situação analítica na qual, junto às “dimensões” remanescentes, os objetos são sensorialmente apreensíveis, segundo a indicação do modelo de Freud sobre a consciência como órgão dos sentidos para apreensão de qualidades psíquicas. (T, 115)

Em 1965, Bion insere a definição clássica de alucinação dentro da expansão que fez, utilizando a influencia de Kant, até então implícita, no trabalho de Freud, sobre funções de ego: acrescenta à listagem contida em *Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Psíquico* (1911) as seguintes categorias: definição (hipóteses definitórias), sobre as já existentes, notação, atenção e memória, além de ação. Bion acrescentou também, a essas categorias (ou dimensões), o termo, pré-concepções: a “*base psicanalítica intuitiva*” (T, 138). Capacitou-se, assim, a poder “*reconsiderar agora o termo ‘alucinação . . . precisa ser discriminada de uma ilusão ou delírio, dois termos necessários para representar outros fenômenos, a saber, aqueles associados com pré-concepções que se tornam concepções porque elas se casam com realizações que não se aproximam suficientemente da pré-concepção para saturá-la, mas aproximam-se suficientemente para originar uma concepção ou concepção distorcida, falsa [misconception]*” (T, 137).

Ilusão, portanto, constitui-se como interpretação distorcida, e, por isso, falsa (*misinterpretation*) oriunda de percepções falsas a partir de um objeto real devido à distorção dos sentimentos.

De acordo com o texto de Bion, ilusão constitui-se como casamento de pré-concepção com realização externa que leva a uma concepção distorcida (*misconception*). Delírios constituem-se como incoerências dotadas de lógica (lógica formal). A pessoa constrói um delírio com auxílio de racionalizações (no sentido dado por Freud e Jones, que tanto impressionou Bleuler, Jung e Adler), histórias verossímeis que partem de premissas falsas; isso também leva a concepções distorcidas (*misconceptions*). Alucinações são percepções sem objeto (externo).

Uma pré-concepção poderá formar um conceito: “*A pré-concepção requer saturação por uma realização que não é uma evacuação dos sentidos, mas tem uma existência independente da personalidade*” (T, 137). Caso respeite esse requerimento, a pessoa adquirirá um tipo de seguro contra a introdução de processos alucinatórios. Em termos teóricos, Bion utiliza contribuições de Melanie Klein e de Freud, enriquecendo a psiquiatria com o vértice analítico – pela primeira vez a *formação do mecanismo alucinatório* é investigado. A alucinação “*emerge a partir de uma predeterminação e requer satisfação (a) pela evacuação a partir da personalidade e (b) pela convicção de que o elemento é de fato sua própria evacuação*” (T, 137).

A alucinação constitui-se como fenômeno grupal; é possível que Bion tenha feito uso do conceito de “psicologia bi-pessoal” (*two body-psychology*) de John Rickman – seu primeiro analista. É um vértice interacional, dependendo de pelo menos dois pontos de vista: um, proveniente do paciente, acoplado a outro, proveniente do analista. Rickman e Bion foram pioneiros na aplicação da psicanálise ao estudo de grupos. Duas pessoas já constituem um grupo; introduz-se a consciência da interferência do observador no fenômeno observado, elucidada inicialmente por Freud, Planck e Heisenberg. A tolerância a “dualidade”, como passo para apreensões monísticas, é uma das “marcas registradas” das contribuições de Bion à psicanálise (o leitor pode consultar os verbetes “Psicologia Bi-Pessoal” e “Visão Binocular”). Nas palavras de Bion,

Surge uma confusão, caso não se dê o devido peso ao fato de a conjunção total vinculada pelo termo alucinação estar associada com dois pontos de vista diferentes ou, como prefiro chamá-los, com dois vértices diferentes; um, representado pelo paciente; e outro, pelo analista. (T, 137-138)

A inspiração de Freud em Goethe, na invocação às bruxas em *Fausto*, indicada em “Construções em análise”, permitiu que, desde o início de sua obra, Bion pudesse comparar construções do analista às alucinações dos pacientes: “*alucinações podem ser equivalentes às construções que erigimos durante um tratamento analítico – tentativas de explicações e cura*” (ST, 82).

Essa indicação auxilia no refinamento de observação do estado da mente do analista; Bion o faz por meio de um uso expandido de alucinação. O refinamento inclui uma diferenciação entre sonho e alucinação. Diferença longamente perseguida por Freud. Inicialmente, Freud enfocou o aparecimento dessas duas atividades mentais no paciente; posteriormente, percebeu que apareciam no analista; Bion expande a observação, percebendo que tanto o paciente quanto o analista podem – e precisam – “sonhar a sessão” (*q.v.*); conceito desenvolvido entre 1959 e 1965. Ficou claro que a pesquisa não poderia se limitar apenas à atividade onírica, sob pena de incorrer em erro, por falta. Isso caracterizou a trajetória de Bion na atividade psicanalítica, e mostrou-se necessário, como percurso, de ser trazido à consciência (tanto do paciente como do analista) em toda e qualquer análise. Pode-se dizer que uma análise permanecerá desnecessária e grandemente incompleta se não houver trabalho nesse sentido, nessa diferenciação. Pelo menos em uma psicanálise que considere uma pesquisa adentrando no desconhecido (*unbewußt* no alemão utilizado por Freud, ou seja, inconsciente, cujo sinônimo é “desconhecido”). Infelizmente, nos tempos atuais, o termo inconsciente foi degradado, transformando-se em jargão (*q.v.*). Uma pesquisa no desconhecido, realizada dentro de limites desconhecidos, ou seja, tendendo ao infinito, já que o Sistema Inconsciente, segundo Freud, caracteri-

za-se por ser atemporal e anespacial. Isso é parte integral do ato de analisar. Um momento decisivo ocorreu quando Bion finalmente abandonou critérios psiquiátricos, emparedados entre ideias de patologia, de um lado, e de cura, do outro. A psiquiatria parece-nos ser útil à psicanálise no que tange a diagnósticos, mas não à conduta. Outro assunto primordial: a percepção de Bion sobre os estados de alucinação: estados aparentemente normais, por socialmente aceitos, quando coincidem com hábitos do analista, ou com códigos socialmente aprovados de conduta. Nesses estados, fantasias onipotentes de superioridade, ocorrendo durante a sessão, podem passar – e usualmente passam – despercebidas; tanto ao analista, quanto ao paciente. Quando um casal analítico elucida, tanto quanto possível, a presença da personalidade psicótica, o paciente percebe sua capacidade de alucinar; é necessário que o analista o acompanhe minimamente. Bion, em 1967, afirma:

Um estado adequado para intuir realizações psicanalíticas . . . pode ser comparado a estados que supostamente oferecem condições para alucinação. O indivíduo alucinado fica, aparentemente, tendo experiências sensoriais sem qualquer base na realidade sensorialmente apreensível.

Um psicanalista precisa estar habilitado a intuir a realidade psíquica, aquela que não possui nenhum quadro de referência na realidade sensorialmente apreensível. Um indivíduo alucinado transforma e interpreta o pano de fundo da realidade, sobre o qual está ciente, em termos diferentes daqueles utilizados pelo psicanalista. Não considero que um paciente alucinado esteja se reportando a uma realização que disponha de algum pano de fundo sensorialmente apreensível; da mesma forma, não considero que uma interpretação psicanalítica possa se originar a partir de fatos acessíveis a nosso aparato sensorial. Como alguém poderia explicar a diferença entre uma alucinação e uma interpretação de uma experiência psicanalítica intuída? É comum brandir-se uma acusação, feita por vezes de forma solta; e por vezes, de forma sub-liminar: psicanalistas psicanalisando pacientes psicóticos também são psicóticos.

De minha parte, tentaria buscar uma formulação que pudesse representar a diferença entre intuição (no meu sentido do termo) de uma realização que não possui qualquer componente sensorialmente apreensível e alucinação de uma realização que, de modo semelhante, esteja desprovida de qualquer realização sensível. Um psicanalista, nessas condições, teria pelo menos uma oportunidade de oferecer uma resposta; muitas pessoas supostamente sãs e responsáveis transformam pensamentos em ações que, de modo caritativo, poderiam ser chamadas de insanas; muitas vezes essas pessoas são chamadas, elas mesmas, ainda que de modo caritativo, de insanas . . .

Comumente, órgãos dos sentidos possuem seus próprios objetos, que são sensorialmente apreensíveis. . . . No âmbito mental, emprestando uma frase de Freud, o “órgão dos sentidos para a qualidade psíquica” não padece desse tipo de limitação. Pode apreciar, de um modo indiferenciado, todas as contrapartidas de todos os sentidos. Contrapartes mentais de olfato, visão etc. podem, em sua totalidade, serem intuídas pelo mesmo aparato. O assunto possui importância prática para analistas cujos analisandos falam “Vejo o que você quer dizer”, quando, na verdade, o analisando está tendo uma alucinação, digamos, aquela de estar sendo sexualmente abusado; o que o analisando quer dizer é algo sobre o significado daquilo que o psicanalista disse, algo que lhe apareceu sob forma visual, mas não que tenha entendido uma interpretação. (ST, 163-164)

Um modo ainda mais sintético pode ser visto em um texto publicado três anos depois:

Receptividade adquirida por esvaziamento de memória e desejo (que é essencial para que “atos de fé” operem) é essencial, tanto para psicanálise como para outros procedimentos científicos. É essencial para experimentar alucinação ou o estado de alucinação.

Não considero o estado de alucinação como um exagero de uma patologia ou mesmo de uma condição natural; considero-o como um estado sempre presente, mas coalescido por outros fenômenos, como uma tela. Caso esses outros elementos possam ser moderados ou suspensos, a alucinação fica demonstrável; sua total riqueza e profundidade são acessíveis apenas aos “atos de fé”. É possível apreender sensorialmente apenas os elementos de alucinação que são manifestações mais grosseiras e de menor importância; para apreciar a alucinação o analista precisa participar do estado de alucinação. (AI, 36)

Falhas na apreensão do conceito, mal-entendidos e distorções: prevalece, pelo menos em alguns locais, a ideia de que a alucinação para Bion diferiria da alucinação conforme tradicionalmente descrita em psiquiatria. Esses leitores não se dão conta do seguinte fato: Bion ilumina dois usos – o do psiquiatra e o do analista – desse termo sobre um mesmo fenômeno; os usos são diversos entre si, mas não o fenômeno. Por exemplo, nas tentativas de Bion para demonstrar que “a situação analítica exige amplitude e profundidade maiores do que aquelas fornecidas por um modelo baseado no espaço euclidiano”, enfatiza que existe uso extenso de expressões nada familiares ao analista, de modo que a não familiaridade permanece vagamente indefinida (para o analista): seriam elementos beta trabalhando:

Como essa vagueza é uma expressão do “pensamento” elemento β , a vagueza não é devida à perda de definição; ela pode se introduzir porque o analista está em uma posição análoga à de um ouvinte exposto à descrição de uma obra de arte executada com materiais e em uma escala que lhe são desconhecidas. É como se ele ouvisse a descrição de um quadro e ficasse procurando em uma tela pelos detalhes representados para si, visto que o objeto foi implementado em um material com o qual ele não está familiarizado. Tal paciente pode falar de um “aquilo roxo”³ ou um “olho verde de inveja” como sendo visíveis em uma pintura. Pode ser que esses objetos não estejam visíveis ao analista; ele pode pensar que o paciente os está alucinando. Mas tal ideia, talvez perfeita para um psiquiatra, não é suficientemente perspicaz para seu trabalho como analista . . . (T, 115)

. . . descrições atualmente disponíveis sobre alucinações não se constituem como boas o suficiente para a prática psicanalítica. (ST, 160)

Seriam depreciações sobre visões atualmente disponíveis? Acrescentar e incrementar diferem de eliminar. Bion afirma que explicações analíticas existentes – e não apenas as psiquiátricas – alusivas à alucinação são insuficientes; e dessa insuficiência não escapa sua própria explicação. Qualificar como não suficiente não implica que “a psiquiatria esteja errada”. Outro des-entendimento (*misunderstanding*) que nos parece sério aparece em um tipo de elogio à loucura, ainda que diferente da obra de Erasmo: leitores há que pensam que os analistas deveriam alucinar durante a sessão; confundem a visão de Bion a respeito da participação do analista nos estados de alucinação (AI, 30) com alucinações do analista. Estas podem ocorrer, e precisam ser tratadas na análise do analista; podem implicar o discernimento entre alucinações do analista e estados de compaixão, consideração pela vida, e também outros discernimentos: sobre a presença de identificação projetiva; de tolerância diante de estados ávidos e invejosos exibidos pelos pacientes; onipotência; realização de fenômenos expressando hipérbole (*q.v.*). Participar de estados de alucinação originados pelo paciente constitui um passo para a apreensão de fenômenos alucinatórios por parte do paciente e uma discriminação mais precisa daquilo que provém dos pacientes e daquilo que provém do analista, os participantes do casal analítico.

Caso ainda restem dúvidas, pode-se examinar mais uma definição clara de alucinação:

Todos os modos de comunicação, sejam eles verbais, musicais, artísticos, encontram-se com algo real; este algo real parece ser representado pelos vários modos apenas aproximadamente. Pode-se considerar, erroneamente, alucinação como

³ “*Penis black of envy*” no original; substituímos pelo equivalente na linguagem popular brasileira.

uma representação e, portanto, sem serventia para algumas atividades. Dado o fato de transformações verbais, musicais e artísticas serem dotadas de valores vicariantes originados do fato de elas serem transformações de O, será natural considerar que as alucinações teriam a mesma possibilidade de sê-lo. Entretanto, as alucinações não são representações; são coisas-em-si geradas por desejo, por intolerância de frustração. Seus defeitos não se devem a seu insucesso para representar, mas à sua incapacidade de ser. (AI, 18)

① Ecoando pontos de vista de Freud sobre seu próprio trabalho com sonhos, a visão de Bion sobre alucinação não se transformou ao longo de sua obra. No entanto, Bion manteve fortes esperanças de que algum entre seus leitores pudesse encontrar outras funções da alucinação, que não apenas aquela de evacuação (ST, 160). A revisão publicada em *Second Thoughts* reafirma a necessidade de “intuir alucinações”, e também de respeitar o fato de que a experiência analítica, como experiência de vida, se efetua por contínua evolução: “O psicanalista não pode permitir ser desviado de um vértice específico: aquele que parte de eventos emocionais, os quais, quando já tiverem evoluído, tornam-se ‘intuíveis’. Neste vértice, o estudo da alucinação está se iniciando, e não finalizando” (ST, 161). Algumas possibilidades aparecem em *Transformations* e em *A Memoir of the Future*; nesta última obra, ocorre uma representação vivificada de personagens alucinados – por exemplo, “Alice”, que alucinou casamentos.

📖 Este verbete não detalha experiências clínicas - dados empíricos - que embasam a teoria; mesmo considerando-se dificuldades inerentes e inescapáveis em colocar experiências psicanalíticas sob forma escrita, talvez seria útil se o leitor consultasse os locais onde Bion tentou reproduzi-las. Por exemplo: ST, 65-81; C, 15, 23, 82, 83, 88, 89; T, 30), assim como as ressolvas feitas por ele, na introdução a *Learning from Experience* e nos “Comentários”, em *Second Thoughts*. Outras tentativas, à luz dos conceitos e teorias de Bion, podem ser vistas em *A Clinical Application of Bion's Concepts*, do mesmo autor deste dicionário.

ALUCINOSE

Não considero o estado de alucinação como um exagero de uma patologia ou mesmo de uma condição natural; considero-o como um estado sempre presente, mas coalescido por outros fenômenos, como uma tela. Caso esses outros elementos possam ser moderados ou suspensos, a alucinação fica demonstrável. (AI, 36)

G

GAGUEIRA

Bion dedicou especial atenção ao sintoma da gagueira, pela frequência que aparece não apenas na clínica psicanalítica, mas também na vida – mesmo que seja em formas aparentemente mais frustras. A psicanálise nasceu desta forma: atenção a questões que pareciam detalhes, mas que expressam ou indicam mecanismos e funções mentais. Gaguejar relaciona-se com estados psicóticos – especificamente, com ansiedade de aniquilamento. Demonstra deficiências para dois atos vitais – respiração e tolerância à realidade, tal como ela é; e intolerância às próprias limitações.

☉ Em 1959, há uma observação clínica sobre “a gagueira”, que “*também é muito recalcitrante. A intolerância à frustração leva à intolerância à estimulação*” (C, 48). O aspecto recalcitrante é devido ao fato de ser impossível ter uma vida isenta de estímulos. Gagos tentam fazê-lo: ficam quietos para disfarçar a gagueira; método nunca seguido, justamente por ser avidez, que contribui para que seja recalcitrante.

A intolerância com a estimulação pode ser tão marcada que, gradativamente, vai englobando qualquer estimulação; e todos os tipos de estimulação. Contudo, como se pode viver em um mundo do qual os estímulos estão ausentes? Se utilizamos a teoria de Freud sobre o aparato psíquico – que não difere das teorias neurológicas –, estímulos sensoriais são a porta de entrada de tudo. Sem eles, não existe vida. Se utilizarmos a teoria sobre função-alfa (q.v.), sem estímulos inexistem função-alfa; inexistem sonhos; inexistem inconsciente nem consciente. Bion sugere que “*A gagueira é um repúdio da consciência, uma evacuação da consciência do que está acontecendo no momento; é uma antítese de a. Portanto, é incompatível com um estado de autoconsciência*” Pergunta-se: “*E, então, o gago não tem personalidade? E em que extensão?*” E arrisca uma resposta, sempre baseada em evidência clínica: “*Isto não é verdade; eu diria que o gago tem uma personalidade marcante, frequentemente irascível, qualquer que seja o gago em que possa pensar*” (C, 77).

Um ano depois (1960), aparentemente tendo que lidar com o mesmo paciente, Bion sugere que a gagueira corresponde a um tipo de *flatulência* oral. Indica a erupção da personalidade psicótica. “*Essa sessão foi me dando, cada vez mais, o sentimento de que ele estava tendo, ou estava prestes a ter, um surto psicótico. Tudo apontava para a ideia de que ele sentia como se não conseguisse respirar, como se algum homem estivesse impedindo que ele inspirasse; e ele estava suando e atacando o homem com o seu flatulência oral — a gaguei-*

ra. Estava eufórico, talvez megalomaniaco. Chamei a atenção para o que me parecia ser a evidência de que ele se sentia incapaz de aprender da experiência que estava tendo comigo” (C, 142). Não ser capaz de aprender com a experiência implica inanição da realidade. A psicose irrompe porque “A necessidade de conhecer a verdade então se torna uma questão de necessidade psíquica” (C, 143).

A última consideração de Bion sobre gagueira aparece em *Attention and Interpretation*, de 1970, utilizando-se de duas teorias; uma de observação e a outra, um misto de teoria de observação e de teoria de psicanálise propriamente dita: a de visão binocular e a de continente/contido, respectivamente. Se for factível assinalar o estado de avidez psicótica em episódios de gagueira, podemos relembrar a observação de Freud sobre a existência de duas faces em um estado psicótico – paranoia de um lado e fantasias homossexuais de outro –, e também parece haver, na tentativa do gago de impedir a visão binocular no analista (por identificação projetiva, pois no paciente, durante um episódio de gagueira, foi extinta) desequilíbrio entre continente e contido:

É necessário um modo de representar fenômenos mentais sem fazer uso de palavras (que não têm serventia por causa de seu pano de fundo de experiência sensível). O paciente usa palavras que representam imagens visuais; ou pode ficar longos períodos emudecido; ou usar palavras evocativas de emoções, por vezes poderosas. Ele desafia, no entanto, o analista a detectar um conteúdo, e expressá-lo em inglês coloquial. Evocações de raiva, ansiedade, medo, pena, ódio, e lealdade a si mesmo frequentemente incluem palavras que dão uma cor específica ao todo: ira; irritação e cemitério podem ser palavras dispersas no fluxo de um modo tal que sugerem desmame; ou palavras como advogados, danos, doenças, para sugerir que tem em mente uma ação legal.

Desse modo o paciente parece estar tendo uma experiência que não consegue representar em termos de uma fala comum. Poderia ser descrito como padecendo de uma perturbação da fala, se tais termos não parecessem descrever a perturbação como se ela fosse algo inadequado ou excêntrico. Reciprocamente, para o ponto de vista comum, parece excêntrico dizer que um gago sofre de uma psicose. Na realidade, tem cabimento descrever um paciente psicótico como alguém com uma perturbação da fala, ou descrever o gago como psicótico; nos dois casos a excentricidade depende do vértice. “Gagueira” e “psicose” são vértices que mostram a mesma configuração de um modo que ilumina características, exatamente como a visão binocular mostra características que, para ficarem manifestas, precisam de uma estereoscopia. (AI, 42-43)

O que se segue servirá de modelo para uma formulação teórica deste tipo de vínculo: um homem falando de uma experiência emocional, na qual estava intima-

mente envolvido, começou a gaguejar terrivelmente, à medida que a memória lhe foi ficando mais vívida. Os aspectos significativos do modelo são os seguintes: a pessoa estava tentando conter sua experiência em uma forma verbal; estava tentando conter-se, como às vezes diz-se de alguém que está prestes a perder o autocontrole; estava tentando “conter” suas emoções dentro de uma forma verbal, como poder-se-ia dizer de um general tentando “conter” forças inimigas dentro de uma determinada zona.

As palavras que deveriam representar o significado que a pessoa tentava expressar encontravam-se fragmentadas pelas forças emocionais, forças estas às quais ele desejava dar apenas expressão verbal; a formulação verbal não podia “conter” suas emoções, que irromperam e se dispersaram, como forças inimigas que rompessem as linhas de defesa empenhadas em contê-las.

O gago, em sua tentativa de evitar a contingência que descrevi, recorreu a modos de expressão de tal modo enfadonhos que fracassaram em expressar o significado que ele desejava transmitir; portanto ele não ficou nem um pouco mais próximo de seu objetivo. Suas formulações verbais poderiam ser descritas como idênticas às forças militares exauridas pelo atrito infligido por parte das forças contidas. O significado que essa pessoa se esforça arduamente por expressar ficou despojado de significado. Sua tentativa de usar sua língua para expressão verbal não foi bem-sucedida em conter seu “desejo” de usar sua língua para um movimento masturbatório em sua boca.

Em certas ocasiões, o gago podia se reduzir ao silêncio. Pode-se representar essa situação por meio de uma imagem visual de alguém que falava a tal ponto que o fluxo de palavras afogava todo e qualquer significado que pretendia expressar (AI, 93-94).

✂ As sugestões de Bion, advindas de observações no aqui e agora da sessão, mostram que, no exato momento em que uma pessoa – principalmente os reconhecida-mente gagos, por eles mesmos e pelo ambiente – gagueja, ela renuncia, por ódio pela realidade, à sua personalidade. Portanto, a questão levantada por Bion sobre estados de ausência na personalidade – fato já observado em psiquiatria, desde o século XIX, como os estados de despersonalização – ganha uma visão analítica, ainda não disponível. Nesses instantes – em que a gagueira se instala, irascível e inexoravelmente – existe, por assim dizer, intensa dedicação à gagueira-em-si-mesma. Nesse momento, o gago vivencia um estado real, despersonalizado; um gago pode ser concebido como não tendo personalidade nenhuma. Por meio de identificação projetiva, tenta alienar o analista, que pode se sentir movido a gaguejar, e ficar também deficiente de sua própria personalidade. O estado de sexualização dos processos do pensamento, descrito por Freud no caso do Pequeno Hans e em *Totem e tabu*, ocorre devido ao ódio pela frustração e pela realidade. A linguagem é masturbatória, bem como o ato de falar.

"GRADE" (GRID)

Desde 1966, um instrumento epistemológico para avaliar o valor-verdade contido, ou não, em enunciados verbais e não verbais emitidos pelos pacientes em análise e pelos analistas. O instrumento "Grade" (Grid) funciona por mensuração qualitativa da evolução ontogenética dos processos de pensar, constantemente conjugada às funções de Ego, conforme observadas por Freud, expandidas por Bion. Durante quase meio século, este instrumento epistemológico, que Bion denominou Grid, foi chamado no Brasil de Grade termo que se tornou consagrado pelo uso comum.

O autor deste dicionário optou por mantê-lo,⁴³ a despeito da imprecisão que o caracteriza, dando margem a uma penumbra de significados que distorcem o sentido original do dispositivo criado por Bion. Esta tem sido a conduta do autor deste dicionário desde 1981, ao fazer a revisão técnica da tradução brasileira do *Dicionário de psiquiatria*, de Robert Campbell. Versões para o português falado em Portugal contemplam outro termo, "grelha", que nos parece preciso, por expressar o sentido original no inglês utilizado por Bion. A imprecisão semântica que marca o termo quando escrito na língua portuguesa falada no Brasil pode ser assinalada graficamente, por meio do uso de aspas.

O dispositivo "Grade" (Grid) foi planejado para ser utilizado **fora** de uma sessão de análise, de modo **consciente**. Em outras palavras, foi criado para ser usado **extra-analiticamente**, com o intuito de avaliar criticamente o material psicanalítico que emerge das manifestações e formulações advindas do casal psicanalítico – paciente e analista (T, 128). Essas manifestações e formulações podem ser efetuadas de modo verbal e não verbal, ou por mistura dos dois modos.

O dispositivo "Grade" (Grid), paradoxalmente, também foi planejado com outra finalidade, paralela a esta: uma **verificação inconsciente** do material psicanalítico. Essa verificação inconsciente precisará ser, agora, **intra-analítica**. Segundo Bion, um uso consciente da "Grade" (Grid) **não é** apropriado para "*o contato real*

⁴³ A manutenção de um termo que ganhou o senso comum, consagrado pelo uso, tem nos parecido a alternativa mais adequada, conforme apontamos em vários trabalhos anteriores, incluindo versões para língua portuguesa falada no Brasil da obra de Bion que o autor deste dicionário realizou; algumas, em conjunto com a Dra. Ester Hadassa Sandler. Versões para outras línguas, traduções, ou transcrições, na denominação cunhada pelos professores Haroldo de Campos e Augusto de Campo, são, invariavelmente, alvo de críticas, por constituírem-se tarefas quase impossíveis. Por motivos alheios à nossa vontade, muitos anos se passaram entre as primeiras versões e a atual que estamos utilizando: o que deu margem às várias revisões e, também, à percepção da tradução como obra aberta, em relação à qual sempre é possível detectar falhas, aprimorar algo ou encontrar alguma alternativa que corresponda a preferências de estilo. Acreditamos que nosso empenho talvez possa ajudar a ressaltar eventuais pontos para essas melhorias, contando sempre com a boa vontade do leitor.

com o paciente” (o leitor poderá consultar o verbete “Ideia”, sobre o uso inconsciente da “Grade” (Grid)).

A “Grade” (Grid) pode ser usada como um prelúdio a uma sessão psicanalítica; e também como sequência de uma sessão psicanalítica. Na civilização ocidental, o termo prelúdio designa algo que se utiliza previamente a algum jogo, como treinamento para o próprio jogo (pré = prévio; ludo = jogo). Há pelo menos cinco séculos, tem sido um termo mais utilizado em teoria e prática musical. Dificilmente os leitores deste livro não teriam alguma noção de que há peças musicais clássicas, de Bach até Chopin, denominadas “Prelúdio”. Em princípio, não foram feitas para serem ouvidas, mas foram feitas para treinamento do pianista – mesmo que tenha se adquirido o hábito de ouvi-las, pois os ouvintes conferiram-lhe a qualidade de portarem o belo. Bion qualificou a “Grade” (Grid) como prelúdio; se prosseguirmos utilizando, como Bion, termos emprestados da teoria e prática musical, será lícito perceber que a “Grade” (Grid) pode também ser usada como *coda* a qualquer sessão psicanalítica.

Portanto, a “Grade” (Grid) cumpre a mesma função daquilo que foi denominado por Freud como metapsicologia: um pensar a respeito do que ocorre, praticamente, em psicanálise. Em outras palavras, a “Grade” (Grid) e a metapsicologia cumprem a mesma função que certos textos de Aristóteles cumpriram e ainda cumprem: um pensar a respeito da física, dito teórico, sem que sejam física propriamente dita. Foram agrupados em um capítulo final, após a morte de Aristóteles, por um de seus discípulos, que sequer o conheceu pessoalmente, mas tornou-se editor destas obras: Andrônico de Rodes, que denominou este capítulo final de “Metafísica”; literalmente, o que veio depois da física. Com o tempo, o uso desgastou o sentido original do termo, que foi inundado por uma série de significados, em enorme penumbra, em amplo espectro: abrangem desde âmbitos filosóficos até os esotéricos. Sofrendo tal alargamento, como se fosse um elástico que acaba sofrendo ruptura por abuso, seu campo semântico passou a significar apenas aquilo que o pensador achava ou acha que é, perdendo o valor de senso comum, mas adquirindo valor localizado e limitado a certos grupos, semelhante à gíria, idêntico a qualquer jargão.

Freud reconheceu o empréstimo que fez daquilo que se conhecia a respeito da obra de Aristóteles – em sua época, pensava-se que a própria palavra, metafísica, teria sido cunhada por ele; mas o fato é que Aristóteles jamais conheceu esse termo, criado duas gerações após seu falecimento. Portanto, metafísica, metapsicologia e a “Grade” (Grid) são um “falar sobre” – física e psicanálise, respectivamente.

No caso da psicanálise, tanto a metapsicologia como a “Grade” (Grid) implicam um pensar teórico que tanto antecede como é consequência de sessões psicanalíticas. Metafísica, metapsicologia e a “Grade” (Grid) podem ser vistas como pertencentes àquilo que Berger e Luckmann denominaram “prática teórica”.

O dispositivo, na intenção de Bion, poderia ser usado – e ele esperou que pudesse – para treinar a avaliação do analista sobre o trabalho analítico feito, podendo também ajudar o analista em seu eventual trabalho futuro: “*provê prática, análoga às escalas e exercícios do músico, para aguçar e desenvolver intuição*” (EP, 73).

A intuição prova ser necessária e fundamental, devido à natureza imaterial do ato psicanalítico: psicanalistas lidam com objetos na ausência destes objetos: “*O que o pensamento psicanalítico requer é um método de notação e regras para seu emprego. Elas nos habilitarão a fazer o trabalho na ausência do objeto, para facilitar a continuidade do trabalho na presença do objeto*” (T, 44).

Avaliação esta feita em relação ao sucesso (ou à falta dele) em aproximar-se, ainda que parcial e transitariamente, da verdade do paciente, bem como da verdade do que ocorre em uma sessão. Em outras palavras: em que medida e por quais parâmetros pode-se qualificar como verdadeiros aqueles *insights* que ocorreram tanto intrapsiquicamente como na relação entre analista e analisando? A matéria-prima a ser examinada são, em grande parte, **enunciados verbais** do analista e do paciente. O dispositivo contempla, graficamente, por sua inspiração na geometria euclidiana, dois eixos perpendiculares entre si, que “*devem, assim, juntos, indicar uma categoria que implica uma ampla gama de informações sobre o enunciado*”. O leitor que reunir em suas capacidades aquela de praticar psicanálise, e que aceitar o convite de Bion, poderá interessar-se em examinar a base científica da sua própria prática.

A "Grade" (Grid) foi uma tentativa de simplificar a comunicação entre analistas, bem como um dispositivo para prover uma comunicação pessoal do analista consigo mesmo (LE, 38). Sua formulação ocorreu por volta de 1960 (C, 195); integrou, de forma até então indisponível, “*Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*”, de Freud, com o interjogo entre as duas Posições formuladas por Melanie Klein (Freud, 1911, 1920; Klein, 1940, 1946, 1947). Publicada pela primeira vez em *Elements of Psycho-Analysis*, foi aplicada extensamente em *Transformations* (pp. 39-47, 167-169) por meio de uso clínico. Caracteriza-se por ser um dispositivo, verdadeira ferramenta dotada de mobilidade interna, dinâmica e não padronizada (pp. 50, 66, 74-75, 88, 94, 96-100, 126). A leitura dessas partes selecionadas de *Transformation* parece-me essencial para a utilização da "Grade" (Grid). Bion tentou aprimorar a ferramenta em 1967 e 1971 com trabalhos publicados postumamente (em Bion, 1992, pp. 325, 357). Quatorze anos depois, duas das suas “categorias” (linha C e coluna 2) sofreram considerável desenvolvimento (Bion, 1977b; 1977d, pp. 57 e 92).

A "Grade" (Grid) constitui-se como ferramenta de senso comum, na medida em que usa sentidos compartilhados – cada eixo fornece um sentido. Bion buscou um método psicanalítico para discriminar “ *fatos básicos como eles são*” (Bacon, 1620, 1625; Johnson, muitas vezes citado por Bion; por exemplo, em *Cogitations*, pp. 6, 13, 114; por volta de 1959; também em 1970, 1975). Pode-se atribuir qualquer categoria

da "Grade" (Grid) – com a condição de que a categoria represente a conjunção constante dos dois eixos – a qualquer enunciado do analista ou do paciente, relacioná-la com sua experiência anterior com o paciente, ou com uma associação livre; da comunhão – senso comum – desses dois sentidos diferentes, pode-se medir a verdade de uma determinada declaração. Os dois eixos da "Grade" (Grid) “*podem parecer arbitrários*”, mas eles “*derivam da própria situação analítica*” (EP, 91). Eles levam em conta o uso que o analisando “*faz da situação analítica*” pelo exame da atividade mais evidente do paciente em análise: o pensamento e a falta dele. Os dois eixos medem, respectivamente: **usos e funções** (eixo horizontal) das enunciados *vis-à-vis* seu **valor ontogenético** (eixo vertical), que reflete desenvolvimento dos processos de pensar (EP, 63, 92). Enunciados verbais são função dos processos de pensamento; um fato bem descrito por Freud como “representação de palavra”. A realidade de uma ocorrência clínica é indicada em termos claramente explícitos pelas as várias categorias da "Grade" (Grid).

A "Grade" (Grid) contém **categorias** vinculadas entre si de forma dinâmica. Até o momento da feitura deste dicionário, tanto em sua versão inglesa com na brasileira, esse aspecto do instrumento tem sido esquecido; ou talvez sequer aprendido, pois os usuários – caso utilizemos relatos em trabalhos publicados – têm conferido à "Grade" (Grid) um uso estático, aprisionador e aprisionado. No entanto, a dinamicidade do dispositivo já aparece na necessidade de utilizá-lo por meio da **intersecção dos dois eixos**, em uma representação euclidiana bidimensional (Fig. 1). Essas categorias representam conjunções constantes. Um “*enunciado pode pertencer simultaneamente a diferentes categorias e uma categoria pode recair em outra*” (T, 116). Um enunciado pode recair, em um certo momento, em uma categoria e, no “momento decisivo” seguinte, pode haver uma modificação caleidoscópica que poderá ou precisará ser representada por meio de outra categoria da "Grade" (Grid). A expressão verbal, “momento decisivo”, é emprestada de uma obra teórica sobre fotografia jornalística escrita por Henri Cartier-Bresson (1952). Cada eixo expressa atividades psicanalíticas básicas, teórico-práticas, ocorrendo intrassessão. A "Grade" (Grid) pode ser considerada como instrumento epistemológico sintético, para iluminar a estrutura da tarefa prática dos psicanalistas, sob o vértice dos processos do pensar e dos seus distúrbios. Os processos são enfocados segundo desenvolvimento construtivo ou destrutivo, em termos de ampliação e degeneração.

i. O eixo horizontal determina seis colunas; para fins de notação, numeradas de 1 a 6, descrevendo funções do ego primeiro descritas por Freud (1911: notação, atenção, investigação e ação. Bion adicionou à descrição original de Freud mais duas categorias que podem ser classificadas como “kantianas”, antecedendo as funções de ego esboçadas por Freud. Essa antecedência implica estágios mais primitivos no desenvolvimento ontogenético do ego. Nossa visão é de que essas duas

categorias estavam implícitas na obra de Freud e, por serem implícitas, não haviam sido nomeadas:

(1) Coluna 1: equivalente primitivo daquilo que Bion denominou, ao elaborar uma teoria do pensar, de pré-concepções intuitivas. Na "Grade" (Grid), qualifica-as como *hipóteses definitórias*. Em termos do desenvolvimento emocional, sua origem – até o ponto em que se pode fazer hipóteses comprováveis na clínica – baseia-se em dotações instintivas.

(2) Coluna 2: categoria insaturada, plena daquilo que é sentido pelo indivíduo como conhecido, mas que, na verdade, lhe é desconhecido. Bion a denomina "ψ". Corresponde a enunciados *falsos, reconhecidos como tal*, tanto pelo paciente como pelo analista. No caso de terem sido geradas pelo analista, indicam necessidade de análise para o próprio analista. Enunciados pertencentes à categoria 2 não são passíveis de compreensão – mesmo que pareçam ser, por hábitos na comunicação social –, mas precisam, na situação analítica, ser percebidas para poderem ser utilizadas como indicadores. Um exemplo revelador de enunciados pertencentes à coluna 2 ocorre quando pacientes e analistas recorrem a explicações e racionalizações. Enunciados da categoria 2, usualmente, foram magistralmente expressos por Shakespeare, (por exemplo, em *Macbeth*, V, v, 19): nada significam, mas são plenos de sentimentos, som e fúria; no entanto, desprovidas de experiências emocionais, a não ser a da postura de "fazer crer"; pois experiências emocionais só existem em um relacionamento (LE, 42). Algo com aparência de emoções, passíveis de representação pela coluna 2, não se constitui como emoção, pois sua "principal função é negar outra emoção" (AI, 20).

Durante o desenvolvimento da "Grade" (Grid), Bion salientou a natureza fantástica da identificação projetiva, já enfatizada por Melanie Klein (1946, p. 298), bem como a relação de identificação projetiva com alucinação, na medida em que transformações em alucinose são a mídia pela qual flui a identificação projetiva. A identificação projetiva bem-sucedida depende de conluio: a essência da coluna 2. Bion propõe tipificar mentiras, a fim de diferenciá-las dos enunciados falsos: "o enunciado falso estando mais relacionado à inadequação do ser humano, analista ou analisando, que não pode se sentir confiante em sua capacidade de estar ciente da 'verdade' e o mentiroso que tem de ter certeza de seu conhecimento da verdade, a fim de estar seguro de que não tropeçará nela por acidente" (Bion, 1977d p. 11). Sintetiza que "é mais simples considerar coluna 2 como estando relacionada com elementos conhecidos pelo analisando por serem falsos, mas que consagram enunciados valiosos contra o surgimento de qualquer desenvolvimento em sua personalidade que envolva mudança catastrófica". A "Grade" (Grid) ajuda-nos a lidar com mentiras sob um vértice científico, e não moral: um esforço científico, a apreensão da realidade, está em questão.

A “*reversão de perspectiva*”, um fato dependente da presença de identificação projetiva em uma sessão de análise, desempenha papel central em eventos categorizáveis na coluna 2. Apreender o fato que Bion denomina “reversão de perspectiva” (ou “perspectiva reversa”) constitui-se como um instrumento para obter-se alguma visão para ver além das aparências materiais, ostensivas, atuadas (EP, pp. 54, 60; 1975, pp. 11-37). Um exemplo da ação de reversão de perspectiva pode ser visto quando se examinam emoções de ódio e amor durante uma sessão de análise, ou ao longo de uma análise, quando esse exame pode ser feito sob o vértice da tolerância a paradoxos (Sandler, 1997b). A reversão de perspectiva se expressa pela realização do analista de que “*quando o ódio que um paciente está experimentando é um precursor de amor, sua virtude como um elemento reside em sua qualidade de precursor de amor e não do fato de ser ódio*” (EP, p. 74). Isso inclui as aparências da fala, do discurso manifesto. Resistência (utilizamos o termo no sentido definido por Freud) expressa-se até mesmo em certas palavras – nem sempre é necessário examinar frases – proferidas pelos nossos pacientes. Palavras sempre são contrapartes, durante uma sessão analítica, do discurso manifesto, como tradicionalmente ele é considerado nas interpretações de sonhos. Portanto, palavras, frases, fatos, eventos relatados pelos pacientes podem ser sonhos sendo sonhados durante uma sessão real. Mas eles também podem ser alucinações e delírios: trata-se de uma questão de discriminação. Quando constituem sonhos, resistência e conteúdo manifesto simultaneamente, apontam para alguma verdade e disfarçam essa mesma verdade. Nós, psicanalistas, estamos sempre correndo o risco de imitar um cão que olha para seu dono enquanto este aponta o dedo para algum objeto, em vez de prestarmos atenção ao objeto para o qual o dedo aponta (AMF, 2, 267). Uma metáfora poderia ser a de alguém que intuiu a existência do lado escuro da Lua; de intuir o anverso do que quer que permaneça escondido, à espreita – mas **está** lá. Isso nos permite formular enunciados que evitem descrições de “*entidades clínicas específicas*” que serviriam para descrever “*outras entidades clínicas bastante diversas*”: “*A interpretação correta irá depender de o analista ser capaz, em virtude da ‘grade’, de observar que duas formulações idênticas do ponto de vista verbal são psicanaliticamente diferentes*” (EP, 103).

ii. O eixo vertical (linhas) da “Grade” (Grid) completa a representação gráfica de um sistema euclidiano de coordenadas. É necessário que o uso de eixo vertical seja **constantemente conjugado** com o uso do eixo horizontal, ou o eixo de funções. Foi elaborado para que se alcance um senso comum entre dois sentidos (os dois eixos). A falsidade de um enunciado, bem como sua verdade, é uma “*função de sua relação com o outro elemento no esquema*” (Bion, 1977b, p. 9). “*Portanto, uma possível abordagem é considerar a natureza do casamento entre a etapa (ou coluna) e a linha que lhe corresponde (dos usos), em termos de sua adequação mútua. Mas isso apenas posterga o problema para uma etapa posterior, pois é necessário obter critérios segundo os quais se julgaria tal adequação*” (T, 44).

Esse eixo tem categorias designadas por letras, de A a H. Fornece uma visão (onto)genética do desenvolvimento do aparelho de pensar, dentro de um espectro que se inicia por estímulos sensoriais e avança às mais sofisticadas expressões do pensamento humano até hoje conhecidas. Bion, então influenciado pelo neopositivismo, atribuiu esse status aos sistemas científicos dedutivos e ao pensamento algébrico. Suas categorias, da mais primitiva (ou inicial) à mais sofisticada, vão da linha “A”, abrigando aquilo que é sentido como sendo coisas-em-si: sentimentos psicóticos de realização e detenção da verdade absoluta, que Bion denominou “elementos-beta”. A linha “H” corresponde ao **cálculo algébrico**. Entre A e H, temos:

Linha “B”, “elementos-alfa”, isto é, elementos-beta “de-sensorializados”, aqueles que passaram por uma “digestão” pela “função-alfa” (Bion, 1962. Podem ser vistos, em uma metáfora concretizada, como equivalente a blocos ou tijolos usados em construção de edifícios, que podem ser usados para trabalho onírico; ou para pensar; e também para construir pensamentos oníricos e armazenamento, em forma de memórias.

*Linha “C”, que compreende **sonhos, mitos, pensamentos oníricos**, aos quais podem-se acrescentar, metáforas e metonímias, e outras figuras de linguagem. Correspondem simultaneamente às formas ideais de Platão e ao *nous* de Aristóteles: a mente pensando sobre si mesma; apresentando ao indivíduo o universo real, a natureza humana e, acima de tudo, apresentando-se a si mesma. Essa é uma categoria notável: mitos são poderosos o suficiente para transmitir verdades universais, macro, e também são válidos no nível individual, micro, como parte do “*aparelho primitivo do arsenal individual para o aprender*”. Bion considera o mito como uma “*ferramenta para investigação de fatos*”, enfatizando explicitamente seu “*Desejo*”: o de “*restituir o mito ao seu lugar em nossos métodos, de modo que possa desempenhar a parte vitalizadora que desempenhou na história (e na descoberta que Freud fez da psicanálise)*” (EP, 66). Bion examina dois mitos: Édipo (EP) e Babel (C, 226). Essa categoria da “Grade” (Grid) seria perceptivelmente expandida em 1977, a ponto de merecer uma “Grade” (Grid) própria.*

*Linha “D” abriga **pré-concepções** kantianas, que correspondem às profantaisias de Freud (Freud, 1920). “Uma vez que o autoconhecimento é uma meta do procedimento analítico, o equipamento para obter conhecimento, o aparelho e a função de pré-concepção devem ser proporcionalmente importantes” (EP, 91). Elas são, provavelmente, introjeções filogenéticas e, portanto, inatas. Por exemplo: a pré-concepção de um seio.*

*Linha “E” abriga **concepções**. Essa evolução dos processos de pensamento foi esboçada pela primeira vez em “Uma teoria do pensar” (ST, 110). É o produto do frustrante (ou parcialmente satisfatório) casamento das pré-concepções com uma*

realização. Se o pensamento puder ter acréscimos em seu próprio desenvolvimento, a linha “E” leva à

Linha “F”, conceitos, que conduzem à

Linha “G”, sistemas dedutivos científicos. A fim de melhor apreender o *étos* da linha C em diante, é útil considerar a concepção da realidade psíquica como uma forma de existência diferente da realidade material (Freud, 1900); a postura para uma apreensão mínima deste *étos* implica não ser “muito concreto”, como afirma Hanna Segal (Segal, 1989, p. 62; Sandler, 1997b). Isso conduz à *linha “H”*.

A “Grade” (Grid) é um dispositivo aberto, permitindo a construção de “grades” com outras colunas e linhas, hoje desconhecidas, segundo eventuais dados clínicos obtidos por outros investigadores. Bion sugeriu, em 1977 e 1979, a construção de uma grade “negativa”, pertinente ao âmbito “menos” (q.v.); na sugestão do autor deste dicionário, baseado em indicações implícitas de Bion, existe a possibilidade de construir, ante necessidades clínicas, “grades” com três, quatro, seis ou n-dimensões (Sandler, 2013).

✂ Em 1979, Bion expandiu a “Grade” (Grid), como mero esboço, mas não como mera representação visual, para enfatizar um uso mais adequado do que aquele ao que ela estava sendo submetida por alguns leitores, para o espaço tridimensional euclidiano (usualmente, e erroneamente, denominado cartesiano). Denominou então o dispositivo de Grelha – no original em inglês, *grating* (BNYSP, 91). Foi a partir dessa expansão que o autor deste dicionário propôs, em 1987, uma “Grade” (Grid) tridimensional. Bion tentou esclarecer algumas das limitações da “Grade” (Grid) já na sua introdução, em *Elements of Psychoanalysis*; o estudioso pode encontrar outros comentários críticos a respeito dessas limitações em 1977 e 1978, e também em um trabalho inacabado e não nomeado, escrito provavelmente entre 1962 e 1963. Sua dedicada esposa, Francesca Bion, e sua filha, Parthenope Bion-Tálamo, publicaram esse estudo em comemoração ao primeiro centenário do nascimento de Bion, sob o nome de *Taming Wild Thoughts*.

Referências cruzadas sugeridas: Ideia, Intuição.

GRUPO

O leitor pode consultar os verbetes “Pressupostos Básicos”, “Instituições (*Establishment*)”, “Psicologia Bi-pessoal”.

alguns aspectos, na trilogia *A Memoir of the Future*. Há dezenas de formulações sobre a possibilidade de colaboração mútua entre psicanálise, teoria da ciência e a física quântica, especialmente no volume I da trilogia *O sonho*. Algumas formulações aparecem a seguir, em “verbetes cruzados recomendados”:

P.A.: De acordo com Heisenberg, o fato de *observar* a interação de fatores físicos muito pequenos influencia a interação sob observação. Não sei se ele está falando sobre algo que eu costumo encarar como um fenômeno *mental* tendo um efeito sobre o que eu denomino um fato *físico*. Pode ser que eu erre em discriminar fenômenos “mentais” de fatos “físicos”. Tal “ideia” pode ser uma falha do aparelho mental. Será que, como humano, eu tenho um preconceito que favorece encarar meus pensamentos como sendo “superiores” aos movimentos aparentemente ao acaso de partículas infinitamente pequenas de matéria?

ROLAND: Você tem preconceito contra os movimentos ao acaso das minúsculas partículas de matéria?

ROBIN: O todo da teoria psicanalítica parece estar viciado – como o demonstra a natureza estruturada do próprio sistema – pelo favorecimento apenas daqueles fenômenos que parecem estar de acordo com a lógica clássica, à qual já estamos familiarizados. (AMF, II, 265)

MÍSTICO

ALICE: Você diz que jamais teve experiência direta de um evento misterioso; você quer dizer com isto que nunca esteve numa sala no momento em que alguém, não você, estivesse sob a influência de uma força mística?

P.A.: Nunca tive evidência que eu ou outro estivéssemos passando por tal experiência. Lembro-me apenas de duas ou três ocasiões em que um analisando meu apreendeu uma origem mística para o evento. Fiquei mais impressionado quando o indivíduo não estava apregoando conscientemente tal evento. (AMF, III, 525)

Ao recorrer a formulações verbais encontradas originalmente na teoria das formas, de Platão, na descoberta delas por Kant, na cabala judaica e cristã e nas ampliações destas por Buber, Bion usou uma analogia das mais incompreendidas para descrever o âmbito psicanalítico negativo do id e inconsciente (veja os verbetes “estar-uno-a-si-mesmo”; “O”). Uma discussão sobre mal-entendidos comuns relacionados com a utilização de metáforas pode ser encontrada no verbete “modelos”.

Há uma forte semelhança entre Bion, Freud e precursores de Freud do movimento romântico alemão: todos foram acusados de ser “místicos” em seu tempo; mesmo Hume recebeu tal acusação.

Bion considera a religião tão relevante como uma escola de pensamento; ele mantém algumas objeções que, no entanto, não impedem sua valorização das realizações dessa “*escola de pensamento*”. Em uma das muitas passagens em que recorre a um confronto entre os personagens imaginários “Psicanalista” (“P.A.”) e “Sacerdote”, Bion afirma:

P.A: Uma das minhas objeções à sua escola de pensamento é que ela parece encorajar uma crença em tempos ilimitados, por exemplo, a vida após a morte.

SACERDOTE: Infelizmente, somos onerados com os pontos de vista – geralmente errados – que as pessoas têm sobre aquilo que nós ensinamos.

P.A: Você mesmo parece me onerar com ideias sobre a psicanálise que não tenho; se você fosse meu analisando, parte da minha tarefa seria elucidar seus pressupostos de tal forma que fosse possível contrastá-los e compará-los com quaisquer outras ideias que você pudesse vir a entreter. Nesse aspecto, penso que a minha atividade difere da sua. *Você aspira a dizer aos outros como e o que pensar. Nós aspiramos apenas a mostrar o que as pessoas pensam – o resto é escolha delas.* (AME, II, 388)

O termo se reveste de importante uso prático; tem vínculos com contrapartes na realidade sugeridas pelo termo “intuição”, no aqui e agora do momento decisivo da interpretação analítica:

O pano de fundo psicanalítico intuitivo é aquele que “vinculei” por intermédio de termos como pré-concepção, definição, notação, atenção . . . [Nota do autor deste dicionário: o leitor precisa manter em mente que os dois últimos termos são funções do ego, de Freud. Ver Freud, “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, 1911.] Vou tomar de empréstimo, livremente, todo e qualquer material que possa simplificar minha tarefa; começo com a teoria das Formas de Platão. Conforme compreendo o termo, vários fenômenos, como o aparecimento de um belo objeto, são significantes. Não por serem belos ou bons, mas porque servem para “lembrar” o espectador do belo ou bom que em uma época foi, mas não é mais, conhecido. Esse objeto, em relação ao qual o fenômeno serve de lembrete, é uma Forma. Afirmo que Platão é um patrono da pré-concepção, do objeto interno kleiniano, da antecipação inata. . . . Fenômenos (esse termo está sendo usado como Kant poderia usá-lo) são transformados em representações. (T, 138)

Bion define que produtos finais de transformações (q.v.) podem ser considerados como representações da experiência do indivíduo no âmbito dos *numena*, realidade, O, id; que “*deriva de, e é inerente à Forma Platônica*” (T, 138).

Sobre a visão de Bion sobre religião:

BION: . . . Imagino quantas teorias plausíveis não foram usadas e confundiram a raça humana. Gostaria de saber. Não estou certo da facilidade com que se produzem “teorias plausíveis” de que estamos falando, a teoria plausível (ou a “interpretação convincente”) pode ser bem difícil de aparecer. Pode ser plausível e falsa. A ideia de que o “sol nasce” é um testemunho disso – que confusão ela causou! Não sabemos o custo, em termos de sofrimento, associado à crença num Deus Cristão, ou num deus da Ur de Abrão, ou da Alemanha de Hitler, ou no peiotismo – ou noutra Deus de qualquer espécie. (AMF, I, 172)

Ao discutir seus últimos livros, que tentam ser “*uma descrição da psicanálise*” (AMF, I, 86), Bion deixa claro seu tipo de relacionamento com manifestações religiosas: “*Tenho que empregar um equipamento extremamente inadequado para discutir isso. Tenho que fabricar o equipamento à medida que prossigo. Afirmando que é artístico, ainda que a arte não tenha sido criada; que é religioso, ainda que a religião não tenha sido e nem possa (sem parar de ser uma religião) ser obrigada a coadunar-se com nenhum dos dogmas e instituições até então considerados característicos da religião*” (AMF, I, 88).

Referências cruzadas sugeridas: Estar-uno-a-si-mesmo (*At-one-ment*), Análise apropriada; “O”; Filosofia; Ciência *versus* religião; Verdade; Ultra-sensorial; Pensamentos sem um pensador.

MITO, MITO PRIVADO

O resgate por Bion da **função** dos mitos descrevendo o funcionamento psíquico pode ser considerado como uma de suas mais notáveis contribuições para a psicanálise. Remonta às tentativas de autores renascentistas e românticos, como Von Herder e Nietzsche. Elucidou a função que tiveram para Freud. No entanto, o uso de mitos na formação do *corpus* psicanalítico por Freud passou a sofrer um aviltamento quanto se tentou fazer um transplante, ou até mesmo substituição, da mitologia à psicanálise.

A função do mito: apreensão e memória, instrumentada por elaborar e preservar *insights* transcendentais sobre a natureza e psicologia da humanidade. Essa fun-

ção tem sido negada ou mesmo desprezada pela assim chamada filosofia “moderna” e “pós-moderna”.

Isso ilumina a busca, por parte dos membros do movimento psicanalítico, por especialistas em mitos. Esperam obter ajuda na apreensão do significado de mitos, como se esse estudo pudesse levá-los a descobrir a psicanálise. No entanto, essa esperança despreza os seguintes fatores:

- (i) os fazedores de mitos não estavam interessados em pessoas individuais;
- (ii) os fazedores de mitos não se interessavam em aliviar ou cuidar do sofrimento de indivíduos.

O MITO PRIVADO

O conceito de “mito privado”, proposto por Bion, conserva a qualidade científica do mito: pode simultaneamente generalizar e particularizar:

O mito privado tem esse papel importante na tentativa de o indivíduo aprender da experiência, análogo ao papel desempenhado pelos mitos públicos como sistemas de notação e registro no desenvolvimento de grupos. . . . Deve-se esperar que o mito apareça em uma versão privada. (EP, 67)

Em *A Apreensão da Realidade Psíquica*, emerge o fato de que o vértice observacional sobre o aparato psíquico, de Freud e de Bion, advêm dos antigos gregos, conforme resgatado na Renascença, no Século das Luzes e no Movimento romântico; é implícito na obra de Freud e mais explícito na obra de Bion. Aplicado à medicina, imprimiu como prática social um interesse maior no indivíduo; também deu origem a movimentos sociais vistos como “revolucionários”.

☉ A observação de Bion que resgata o *éthos* do trabalho de Freud apareceu em *Elements of Psycho-Analysis*, de 1963. Parece estar ainda mais explícita no estudo preparatório que permaneceria inédito até 1992, “Tower of Babel: possibility of using a racial myth”:

Isso me traz à aplicação de nosso mito ao problema que tem de ser interpretado. O cientista precisa conhecer matemática o suficiente para compreender a natureza e o uso das várias formulações e descobertas matemáticas, tais como o cálculo diferencial ou o teorema binomial: o psicanalista precisa conhecer seu mito. O cientista precisa também saber o suficiente para ter uma ideia, quando está se confrontando com um problema ao qual poderia aplicar um procedimento matemático específico: o psicanalista precisa saber quando está enfrentando um problema

para o qual um mito poderia fornecer a contraparte psicanalítica do cálculo algébrico. Poderíamos dizer que foi exatamente isso que Freud fez; ele reconheceu, como um cientista, que estava perante um problema cuja solução requeria a aplicação do mito edipiano. Daí resultou não a descoberta do complexo de Édipo, mas a descoberta da psicanálise. (Ou será que quando esses elementos estão constantemente conjugados descobrimos o homem, a psique humana?). É nessa acepção que acredito que devemos usar o mito de Babel, ou de Édipo, ou da Esfinge: como ferramentas comparáveis àquelas da formulação matemática. (C, 228; itálico nosso)

A forma mais compacta aparece em *Elements of Psycho-Analysis*: “O mito de Édipo pode ser considerado como um instrumento que auxiliou Freud a descobrir a psicanálise, e a psicanálise como um instrumento que capacitou Freud a descobrir o complexo de Édipo” (EP, 92). Muitos dos membros do movimento psicanalítico que assistiram às palestras dadas por Bion no final de sua vida em algumas cidades do mundo – Buenos Aires, São Paulo, Brasília, Nova York, Topeka, Los Angeles, Roma, Paris – emitiram o julgamento de que os assuntos eram repetitivos – fato registrado por ele mesmo na introdução a *Seven Servants*. Outro modo de avaliar é que aquilo que se assimila a repetições constituem-se como evoluções e crescentes *insights* sobre uma invariância. Novas formulações podem ter, analogicamente, a mesma função dos exercícios de um atleta ou de um músico – antes ou depois de uma demonstração.

MITOS NO MOMENTO PRÁTICO DECISIVO: O AQUI E AGORA DA SESSÃO ANALÍTICA

A interpretação é uma teoria utilizada para se investigar o desconhecido. O exemplo mais óbvio disso é o mito de Édipo, conforme Freud o abstraiu para formar a teoria psicanalítica. A função das formulações teóricas nessa categoria é usar interpretações com uma intenção, a de iluminar material que de outro modo permaneceria obscuro – para ajudar o paciente a liberar ainda mais material. O objetivo primário é obter material para satisfação dos impulsos de investigação no paciente e no analista. Note-se que a qualidade investigatória de tais interpretações pode ajudar a considerar as diferenças de reação no paciente, comparativamente às que ele exibiria às interpretações na categoria 1 ou 4 [hipótese definitiva e notação, ou seja, atenção iniciais]. Este componente pode ser discriminado de um componente derivado do conteúdo da interpretação. (EP, 19)

UM INSTRUMENTO PARA DETECÇÃO DE FATOS

Mitos ocorrem durante a sessão, na investigação do desconhecido das formas psíquicas, tanto estruturantes como as estruturadas individualmente, criativas ou não criativas, específicas de cada indivíduo. Emergem no fluxo momentâneo do aqui e agora de uma sessão – demonstram “o valor do mito como ferramenta para se encontrar fatos” (EP, 66). Bion tentou resgatar o *éthos* – então ameaçado pela meritocracia política do movimento psicanalítico – das descobertas de Freud e da psicanálise em si. A ameaça persiste, apesar do fato de que Bion registrou seu intuito: “Desejo restituir o mito ao seu lugar em nossos métodos, de modo que possa desempenhar a parte vitalizadora que desempenhou na história (e na descoberta que Freud fez da psicanálise) . . . é também um objeto para investigação em uma análise, como parte do aparato primitivo do arsenal de aprendizado do indivíduo” (EP, 66).

MITOS E A ATIVIDADE ONÍRICA

Mitos são vistos como um tipo específico de atividade onírica com expressões e utilidades sociais; o parentesco do sonhar com mitos pode ser evidenciado desde que Freud trouxe sonhos para consideração científica como instrumentos de autoconhecimento de cada pessoa; usualmente denominada *self*. Ao tornar inconsciente o que era originalmente apreensão sensorial, o sonho desempenha uma função de elaboração de experiências emocionais. O movimento de ida e vinda a partir da apreensão sensorial consciente até a introjeção inconsciente, e o percurso de um retorno à consciência, definida como órgão sensorial para apreensão da realidade e qualidade psíquica (ver o verbete “barreira de contato”), permitem uma evolução e maturação contínuas de sentimentos, afetos, emoções e experiências emocionais. Mitos e sonhos, quando relatados por palavras ou outras formulações, como formulações pictóricas, ou musicais, ou seja, como formas sensíveis – como diziam os filósofos até o século XIX – ou sensorialmente apreensíveis, como passaram a ser denominadas por neurologistas e neuropsiquiatras, executam a mesma função descrita por Freud como conteúdos manifestos. Requerem um ouvinte ou leitor experiente que não os considere pelo seu sentido aparente, que é dado diretamente ao nosso aparato sensorial. Esse ouvinte ou leitor estará habilitado a evocar, juntamente com aquele que emite o sonho, ou o mito, o conteúdo latente, para usar as palavras de Freud – como o fez Bion. Em sua aparência exterior, mitos e sonhos, um trabalho de bricolagem análogo ao descrito por Lévy-Strauss em antropologia, feito de restos do dia ou da tragédia humana, de fatos experienciados, são sempre estranhos sob o vértice racionalizante, intelectual; e, portanto, não apreensíveis sensorialmente. Esse seria, paradoxalmente, tanto o poder como a fraqueza de mitos e sonhos.

Mitos parecem servir a funções, socialmente falando, na transmissão e conservação de pré-concepções da espécie humana, biologicamente fundadas. Mitos não permitem apreensão total; permitem aprendizado, como evoluções de postulados ou hipóteses definitórias. Esse é o modo que Bion sugeriu na elaboração das categorias C da "Grade" (Grid) (q.v.): surgem de elementos-alfa, que, por sua vez, são transformações evolutivas de elementos-beta (estímulos sensoriais em estado bruto, coisas-em-si). Elementos-alfa pode evoluir para mitos e sonhos, em uma "genética": *"será que quando esses elementos estão constantemente conjugados descobrimos o homem, a psique humana?"* (C, 228). Pode-se considerar esse movimento como o desenvolvimento ontogenético de cada indivíduo, de cada etnia, filogeneticamente determinado. Fornece uma qualidade "durável" ou transcendente tanto aos sonhos, para o indivíduo, quanto aos mitos, para a humanidade. Mitos e sonhos são vistos como pertencentes à mesma categoria, o que significa que compartilham a mesma natureza ou invariância. Qual seria a invariância? Poderia ser denominada "invariância em conhecimento"? Essa seria a sugestão do autor deste dicionário, baseado na investigação de Bion. Uma invariância implicando apreensão de fatos; transformação de sua materialidade em imaterialidade psíquica, por armazenamento que confere durabilidade e publicação, com poder comunicativo. A frase seguinte precisa ser lida mantendo em mente a definição de função-alfa. De modo sintético, proposto em outro trabalho pelo autor deste dicionário: a função *"de-sensorializante"* do nosso aparato psíquico (q.v.).

O sonho do indivíduo significa que certos elementos- α estão constantemente conjugados. . . . A função- α serviu então ao propósito de tornar armazenável, comunicável e publicável uma experiência emocional que está constantemente conjugada, tornando possível registrar esse último fato. . . . Se considerarmos o mito e o conteúdo manifesto do sonho como versões grupais e individuais da mesma "coisa" – e essa "coisa" é uma asserção de que certos elementos- α estão constantemente conjugados –, como poderíamos usar essa formulação? Caso consideremos a asserção análoga a $(a + b)^2 = a^2 + b^2 + 2ab$, então, presumivelmente, precisaremos saber como a asserção foi construída e que regras deveremos obedecer para usá-la corretamente.

. . . que todos os sonhos têm uma, e apenas uma, interpretação – ou seja, a de que os elementos- α estão constantemente conjugados . . . todo sonho corresponde a uma realização, a qual, portanto, representa . . . a semelhança com o sonho que a representa pode ficar tão próxima do consciente que o sonhador tem uma ilusão, que ele expressa ao dizer que teve um sonho que se tornou realidade . . . *certas experiências fatuais jamais serão compreendidas pelo paciente; portanto, ele jamais conseguirá aprender dessas experiências, a menos que possa interpretá-las sob a ótica de seu*

sonho ou do mito em que o grupo entronizou tanto o sonho como a crença de que o sonho seja válido para todos os membros do grupo. (C, 229-231; itálico nosso)

“Regras” em psicanálise só podem ser aprendidas por meio da experiência real da própria psicanálise. Experiências de senso comum da humanidade são nascimento, morte, amor e ódio, narcisismo, inveja e ganância, capacidade para bestialidade e sublimidade. Elas fornecem generalizações que englobam suas variações ou transformações individuais. Regras pertencem ao âmbito inconsciente dos *noumenon*, verdade “O”. Não podem ser aprendidas e muito menos aprendidas por procedimentos racionais, tais como leituras de textos.

SONHOS: MITOS PRIVADOS

O sonho em si é visto como um mito privado (EP, 92). Sonho, mito e mito privado pertencem – talvez filogeneticamente – àquela parte de cada aparato individual que serve para o contato com a realidade. Resumindo: são fatores do ego. Nesse sentido, há um precursor de Édipo em um sentido que difere do observado por Klein (consulte o verbete “pré-concepção”): *“Postulo um mito edípiano privado em uma versão elemento-alfa que é o meio, a pré-concepção, em virtude do qual a criança é capaz de estabelecer contato com os pais como estes existem no mundo da realidade. A correspondência dessa pré-concepção edípiana – elemento-alfa – com a realização dos pais reais origina a concepção dos pais”* (EP, 93).

A situação a ser considerada é ainda mais complexa do que o estudo de uma singularidade de um determinado par formado de dois sexos que procria: psicanaliticamente, é necessário considerar a formação de um casal – no texto de Bion, “pais reais”, que podem se formar a partir de um par de dois sexos; da própria “concepção de pais”, que incluiu, como se pode conferir no livro anterior, *Learning from Experience*, concepção de maternidade, expressa por Bion pelo conceito de *reverie* (q.v.) e paternidade, expressa por Bion pelo amor que uma mãe pode sentir pelo pai – o pai daquela criança que começa a falar, com a ajuda da mãe, a palavra, “Papai” (LE, 101).

Pode-se usar – como Bion usou – o termo “relatividade”, ou, para não submergir nas várias penumbras de associações e significados desta palavra, “relacionamentos”. Em outros termos, mais descritivos: um indivíduo não existe solitariamente, não resultou de uma produção partenogenética, como exige um mandamento determinado por ocupar-se em tempo integral e dedicação exclusiva a posição esquizoparanoide (q.v.), ou estar seguindo regras de alucinose (q.v.). Uma pessoa está sempre sendo “relacionada com”. O autor deste dicionário prefere que o leitor se utilize do uso do termo “relatividade”, segundo Albert Einstein; uma pessoa que estudou uma relação transformacional, entre “matéria” e “energia”, efetuada por meio de um desconhecido, nomeado pelos físicos “luz”.

O mito privado tem certas características primitivas que iluminam ainda mais a natureza da pré-concepção como uma espécie de gerador – tanto dos mitos privados como de expressões da estruturação peculiar da personalidade. Elas orientam as maneiras específicas e totalmente pessoais de sua estruturação. Tal visão permitiu a Bion observar e formular a hipótese de uma pré-concepção edipiana.

Até o ponto em que chegou a investigação de Bion, nós, seres humanos, teríamos pelo menos duas pré-concepções: (1) seio; (2) Édipo. Na prática, isso permite que se apreenda a função de material aparentemente incoerente. São expressões da destruição dessa pré-concepção e conseqüente perda do *“aparelho essencial para ganhar uma concepção da relação parental e, conseqüentemente, para a resolução dos problemas edipianos: não é que não consiga solucionar aqueles problemas – nunca os alcança”* (EP, 93) (ver os verbetes “pré-concepção” e “desastre”).

Mitos são uma maneira de exercitar a função-alfa (q.v.), na medida em que fornecem uma forma narrativa que liga os componentes de uma história. Seus componentes relacionados ao tempo são dados sensorialmente apreensíveis que desmentem a qualidade atemporal do inconsciente – qualidade que precisa ser suscitada na mente do ouvinte. Os componentes temporais e, principalmente, as formas narrativas que os aproveitam de modo restrito geraram redes de causalidade: ideias religiosas de “Causas” e “Efeitos”, conforme são colocadas nas narrativas. São características da narrativa, mas não de realidade. A aparência concreta dos personagens e do espaço demandam ser “de-sensorializados”, de forma a alcançar uma narração que apresente coisas, fatos e fatos emocionais imateriais como realmente são, independentemente de tempo e espaço. Isso provê a qualidade transcendente da invariância que o mito se esforça por transmitir. Nesse sentido, Babel e a expulsão do Paraíso exibem uma invariância: “proibição de conhecimento e verdade”. O mito de Ajax mostra uma invariância, “arrogância” ou “fama onipotente”.

MITOLOGIAS: PSEUDOCIÊNCIA?

“Pensamentos sem um pensador” é um conceito (q.v.) que aproveita uma tese de Descartes, examinando-a sob outro vértice, que não o racionalismo usado pelo pensador francês. Descartes tentou provar racionalmente que se tratava de um absurdo. Freud, por meio da observação clínica do fenômeno que chamamos “sonhos”, iniciou uma tendência não preconceituosa de exame de fenômenos, e pode examinar o que parecia ser inútil para outras disciplinas. Por exemplo, a religião positivista desconsiderou qualquer estudo a respeito de atividades oníricas, afirmando aprioristicamente, em relação ao assunto, que se tratava examinar resíduos sem sentido. Sem dispor de instrumentos, e seguindo apenas regras apriorísticas de natureza religiosa, durante todo o século XIX a atividade onírica ficou relegada a algo analogicamente idêntico a uma lata de lixo. Nessa época ainda não se industria-

lizava o lixo. A religião positivista depreciativa o uso de intuição; mas toda descoberta científica sempre teve uma “dose” de intuição individual; não é apenas um fator, nem é suficiente, mas é necessário. Por exemplo, a infectologia precisou da intuição de sir Alexander Fleming sobre a penicilina; que evidenciou que o mofo não podia ser tratado como se fosse apenas lixo. O resgate de Bion da função do mito, na esteira de Freud, apoiou-se na atenção ao detalhe, à descoberta do óbvio, da realidade como ela é.

Ao sugerir a possibilidade de identificarmos “elementos de psicanálise” (q.v.), Bion observou que esses elementos precisam ter algumas “extensões”, em três âmbitos: no “*âmbito do mito*” (EP, p. 11), além de extensões nos âmbitos dos sentidos e da paixão. “É mais difícil fornecer uma explicação satisfatória daquilo que quero dizer com extensão no âmbito do mito. Na ausência desse âmbito, *que faz parte do aparelhamento disponível a um analista, não posso conceber a possibilidade de se fazerem modelos. Suponhamos que um paciente esteja enraivecido. Caso se amplie o comentário, dizendo-lhe que sua raiva é igual à de uma ‘criança querendo bater na babá porque ela disse que a criança era desobediente’, o enunciado terá maior efeito, em função do incremento obtido no significado. O enunciado sob aspas não é apenas uma expressão de uma teoria em uma exposição genética. É necessário não supor que o enunciado expresse uma teoria de que menininhos batem nas suas babás quando são chamados de desobedientes. É um enunciado semelhante àqueles que os filósofos desprezam, com base na ideia de que constituem mitologias, quando eles usam o termo pejorativamente para descrever teorias ruins. Preciso de enunciados desse tipo, como parte do equipamento e procedimento científico analítico. Não são afirmações de um fato observado: são enunciados de um mito particular. . . . Vou me referir a essa dimensão como mito, ou o componente ‘como se’” (EP, 12).*

Uma das funções científicas do mito é a de notação (usando a nomenclatura de Freud para funções do ego) ou registro (EP, 48). Seria possível avançar alguma disciplina científica, ou artística, desprovida de um sistema de notação ou de registro?

MITOS E CRESCIMENTO

O leitor pode consultar o verbete “desenvolvimento”.

ORIGENS

Há evidências de que pelo menos parte da apreensão de Bion da função dos mitos na evolução do pensar ocidental teve origem na obra clássica *Origins of European Thought*, de R.B. Onians (por exemplo, pp. 55 e 59, CUP, reimpressão de 2000) e à abordagem revolucionária de Giambattista Vico aos mitos. Onians é citado em *Elements of Psycho-Analysis*, página 40; e também nas *Brazilian Lectures*, volume I; Vico, em *A Memoir of the Future*, volume I, p. 98.

☞ Sobre as funções do mito, pode-se lembrar um paralelismo nas observações de Bion com as de Georg Hamann, professor de Kant, e de Von Herder, professor de Goethe. As contribuições dos fundadores do período iluminista em solo alemão assemelham-se à abordagem histórica de Vico. No entanto, ao não se limitar a questões filológicas, foram mais profundos na possibilidade que abriram de podermos apreender algumas transcendências. Forneceram, mais do que qualquer um antes ou depois, uma maneira de sair do obscurantismo determinado pelos dogmas autoritários que impediam o estudo dos textos bíblicos sob o ponto de vista de que se constituem como mitos. Pela primeira vez, esses textos não precisavam ser apenas mecanicamente repetidos e adorados. Fora do autoritarismo religioso, esse estudo de mitos abriu caminho para outros investigadores, notadamente Schopenhauer e Nietzsche, para também revalorizar a função dos mitos gregos – na época, igualmente considerados como lixo literário. O autor deste dicionário não encontrou evidência de conhecimento por Bion do trabalho de Hamann e Von Herder. É possível que o ambiente intelectual que eles fundaram, mais bem desenvolvido por Goethe, Hegel, Schopenhauer e Nietzsche, tenha tido algum tipo de influência, como a origem das descobertas de Freud – incluindo o fato de se utilizar da sabedoria sobre o funcionamento mental humano de mitologia grega (Sandler, 1997-2003).

No evento comemorativo ao centenário de Bion, um grupo de analistas brasileiros examinou o mito de Ajax; outro autor, examinou o mito de Satanás (Sandler, E. H. et al, 1997; Chuster, 1997).

Referências cruzadas sugeridas: Função-alfa; Causa-efeito; Concepção; Édipo; Pré-concepção.

MODELOS

Bion, como Freud, usou modelos no sentido científico do termo, estabelecido pela primeira vez por Immanuel Kant e aperfeiçoado por Goethe. Na obra de Freud, propomos examinar *A interpretação dos sonhos* (capítulo VII, particularmente itens A e F); “The unconscious”; “Construções em análise”. Modelos são instrumentos iniciais para abordar uma questão, ou um problema real composto por fatos desconhecidos. Foram chamados por Freud de andaimes; e também metapsicologia, ou aquilo que vem depois da psicologia, e que implica elaborar pensamentos sobre achados clínicos. Freud os dispensava assim que novos dados empíricos geravam tal necessidade: por exemplo, o modelo de instintos sexuais e instintos de ego. Esses novos dados somente se tornaram visíveis devido à utilização do modelo a ser logo suplantado, como pode ocorrer em ciência. Bion, ciente do uso de modelos por Freud, seguiu exatamente essa linha, retratada em *A interpretação dos sonhos* e também em escritos que foram recuperados postumamente em *Project for a Scientific*

S

SATISFAÇÃO

Entre vários alertas sobre alucinações e delírios mais bem estudados em indivíduos, mas também compartilhados pelos grupos, Freud, quando mais idoso, observou fenômenos correspondentes a sentimentos de satisfação – frequentemente vista como sinônimo de felicidade – como algo impossível. O caminho para o desenvolvimento do conceito a respeito dos dois princípios do funcionamento psíquico foi razoavelmente longo se compararmos com o tempo de duração de uma vida; precisou de uma década, iniciando-se com experiências com cocaína, em que participou de um delírio coletivo impulsionado por interesses de dois laboratórios farmacêuticos alemães, já globalizados em todo o mundo “civilizado” (Merck© e Bayer©), vista como a “droga da felicidade”. Mais uma década foi necessária para que Freud fosse “além” de **um**, dos dois princípios, o do prazer/desprazer. Equipara sensações de Nirvana à morte. Sensações tão antigas quanto a própria civilização indo-europeia que originou a tradição judaico-cristã. A noção fica ainda mais clara quando Freud alerta a respeito de uma análise “interminável” está descrita em um de seus últimos trabalhos, aliado às tribulações que aguardam cientistas ou artistas buscando por verdade, comparadas com o consolo propiciado pela religião (em *A Questão da Weltanschauung*). Resumem os alertas de Freud a respeito de satisfação e felicidade. O fato da obra de Freud ser inteiramente baseada em formulações verbais, aliada a questões de análise pessoal dos leitores, deixou uma questão em aberto: a existência de leitores onde prevalece o princípio do prazer/desprazer, às expensas do princípio da realidade, fazendo-os julgar que Freud seria um “pessimista”. Até o ponto a que chegou minha experiência em psicanálise, há uma confusão entre a busca natural para atender necessidades instintivas “objetivas” (buscar um objeto de sobrevivência, sob a égide do princípio da realidade, descrita em “Instintos e suas vicissitudes”), com satisfação peremptória de desejo (ditada pelo princípio do prazer/desprazer). Instintos, conhecidos pelo menos desde a época dos antigos gregos, foram definidos por Lamarck e Darwin, originando boa parte do trabalho de Freud. Freud precisou de quase três décadas para firmar seu discernimento a respeito de satisfação. Quanto tempo precisarão os membros do movimento psicanalítico que, por limitações atuais de análise pessoal, ligadas ao movimento psicanalítico, se submetem à égide do princípio do prazer/desprazer?

O modo pelo qual Bion usa o termo “satisfação” pode ser visto em “Uma teoria do pensar” e *Learning from Experience*. Há um protótipo do pensar humano – colocado como um pré-conceito que “*satisfaz a necessidade por uma realização*”. O bebê tem, de modo inato, uma pré-concepção. Bion, expandindo e integrando o trabalho de Freud e Klein, denomina esse protótipo de “Seio”. O ambiente externo oferece um seio para essa pré-concepção, necessário para a sobrevivência, que garantirá o prosseguimento da vida. O seio, específico e real – o objetivo da pré-concepção –, constitui a realização do seio pela pré-concepção. Nenhum leitor atento poderá encontrar nada que Bion escreveu em que a realização satisfaça totalmente o pré-conceito. Seria possível encontrar um objeto real quando o objetivo tem que ser totalmente, e sempre preenchido? Apenas nos casos de fuga fantástica da realidade, por alucinação.

A palavra “satisfação” na obra de Bion está investida do sentido matemático, dado pela teoria do cálculo diferencial, com os conceitos de função e fator. Uma leitura acurada de *Learning from Experience*, demonstra esse fato; por exemplo, na definição de objeto psicanalítico. Bion aplica o termo “fator” para a investigação psicanalítica, definindo-o como “*o nome de um elemento de qualquer função. Pode ser representado pelo elemento insaturado (ζ) em $\psi(\zeta)$ e precisa existir uma ‘realização’ que se aproxima dele. Qual é a realização que a satisfaz, no sentido matemático de se satisfazer os termos de uma equação, será um assunto a ser determinado pela própria investigação psicanalítica*” (LE, 89).

☺ Todas as questões que leitores possam colocar, vinculadas ao sentido do termo “satisfação” em psicanálise, poderiam ser encaminhadas adequadamente caso esses leitores percebessem os fundamentos e objetivos do trabalho de Freud e Bion: as disciplinas científicas de medicina, biologia, antropologia, expressa pelo interesse em elementos instintuais humanos: amor e ódio, basicamente. Os dois afirmam, ao longo de todos os seus escritos, que há problemas que não podem ser resolvidos. Ecoam o Teorema de Gödel, mesmo sem citá-lo. A resolução de um problema científico sempre leva à formulação de novos problemas, até então desconhecidos.

Há um alerta demonstrando o modo pelo qual Bion lidou com a crença de que haveria contraparte na realidade correspondendo ao termo satisfação, sobre a necessidade de que psicanalistas disciplinem seus próprios desejos.

A partir de 1961, Bion trabalhou isolado: nunca fez escola, nem seguidores. A partir de 1969 passou a receber visitas de um analista vinte anos mais jovem, de cultura francesa, nascido no Cairo: André Green, que conquistaria respeito no movimento psicanalítico. Interessadíssimo na psicanálise praticada na Inglaterra, acabou sendo um dos pouquíssimos interlocutores de Bion. Cujo trabalho sofria severas incompreensões. Os encontros, mutuamente frutíferos, fizeram com que Bion incluísse um aforisma cunhado por Maurice Blanchot, um escritor e filósofo cuja

vida e obra guardam semelhanças básicas: “A resposta é a desgraça da pergunta” (“*La réponse est le malheur de la question*”), compactando notavelmente uma parte importante das contribuições de Bion; e na impossibilidade de reduzir a palavras escritas a noção e concepção de verdade e falsidade a palavras. E também que ambos se recusavam a reduzir observações sobre a vida dentro dos limites da filosofia, crítica literária a “gêneros” e “tendências”.

Bion não respondia questões; nem assumia modos professorais, para toda e qualquer audiência: poderia ser um paciente, um supervisionando, ou um grupo participando de suas palestras. . Fosse em uma análise pessoal, segundo seus antigos pacientes, fosse em palestras e seminários. Quatro dias antes de sua morte, falou para um amigo íntimos, o dr. Oliver Lyth: “*A vida é cheia de surpresas – a maioria delas, desagradável*”.

Falhas na apreensão do conceito, mal-entendidos e distorções: A obra de Bion, como a obra de Freud, Klein e Winnicott, foi alvo da mesma dificuldade: muitos leitores confundem a formulação verbal a respeito dos instintos, que tentam conseguir uma satisfação que pode ser qualificada como “instintiva”, ou seja, uma satisfação qualitativa, com satisfação quantitativa de prazer. De maneira similar, alguns adquiriram a certeza de que uma pré-concepção é satisfeita assim que encontra uma realização. O que fica satisfeito é a necessidade (qualitativa) de que exista uma realização. A satisfação do objetivo – um movimento, não algo concreto – de uma pré-concepção não implica que se obtenha e menos ainda que exista uma satisfação da “pré-concepção-em-si-mesma”. Um seio real fornece a satisfação do objetivo, mas não a satisfação do seio que havia sido pré-concebido pelo bebê. Este é marcado por uma não-existência de modo completo, antes da realização; ou por uma esperança genética e biologicamente determinada. Que permite, devido à sua quota de “não-satisfação”, a introdução dos processos do pensar; e da simbolização. Fantasias de completude da pré-concepção dão origem a processos alucinatórios.

A distorção na apreensão do termo, que tenta atribuir-lhe um sentido oposto ao original, mostra a resiliência da proibição milenar ao conhecimento – relatada em mitos, e no velho testamento. Será esse, ou já tem sido, o destino das contribuições da psicanálise?

SATURAÇÃO

Já que desejo encontrar um sistema de representação que servisse para todos estes sistemas, e outros sistemas de cuja existência não estou ciente, procuro um sistema de representação que seja insaturado (ψ (ζ)) e vá permitir saturação. (T, 118)

Considerando que livros introdutórios nunca podem substituir o trabalho original de um autor, e menos ainda, suas palavras, e também que a apreensão dos conceitos propostos por W. R. Bion tem sido, frequentemente, vista como se fosse difícil, Dr. Sandler elaborou um dicionário em um estilo pouco usual. Extraiu citações relevantes dos textos de Bion, reunindo-as com o sentido e também os significados dos conceitos, localizando-os em termos históricos de seus desenvolvimentos.

O objetivo é apresentar o trabalho escrito de Bion tal como ele é – e nunca impor suas próprias opiniões, ainda que inclua seus comentários e expansões a respeito das implicações clínicas, entre os vários verbetes, com o intuito de esclarecer algumas questões que têm surgido entre leitores, endereçando-se principalmente a distorções nos entendimentos. Como a vida, a obra de Bion não demanda entendimento, mas a possibilidade de apreensão por experiência.

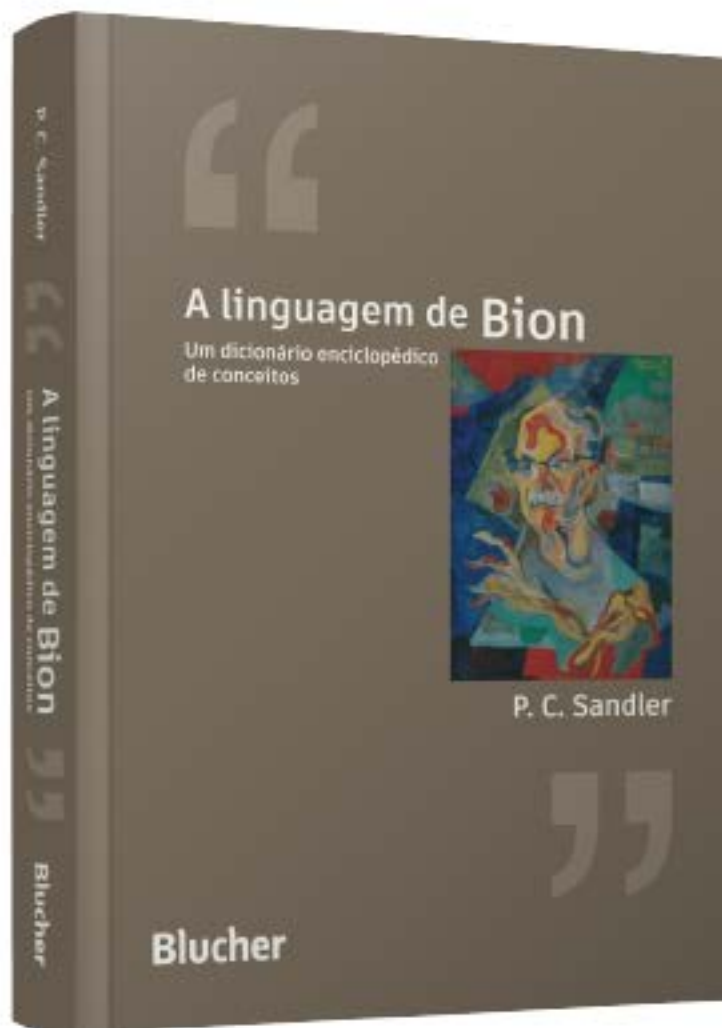
Esse bem-organizado dicionário constitui-se em valioso instrumento para todos aqueles interessados, ou necessitados de apreender o sentido e o uso imbuído no estilo compactado de escrita adotado por Bion.

Oliver Rathbone, Londres



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

A Linguagem de Bion

Um dicionário enciclopédico de conceitos

Rachel Ignatofsky

ISBN: 9786555062359

Páginas: 1312

Formato: 16 x 23 cm

Ano de Publicação: 2021
